



**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**  
**Faculdade de Ciência da Educação e Saúde - FACES**  
**Curso de Psicologia**

**COVID-19 e Conjugalidade: estudo de caso sobre o impacto da pandemia na intimidade  
de casais brasileiros**

**Yasmim Costa Ribas**

Brasília - DF

Junho de 2023



**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**  
**Faculdade de Ciência da Educação e Saúde - FACES**  
**Curso de Psicologia**

**COVID-19 e Conjugalidade: estudo de caso sobre o impacto da pandemia na intimidade  
de casais brasileiros**

**Yasmim Costa Ribas**

Monografia apresentada à Faculdade Ciências  
da Educação e Saúde - FACES do Centro  
Universitário de Brasília - UniCEUB.  
Professora-Orientadora: Ma. Izabella  
Rodrigues Melo

Brasília - DF

Junho de 2023



**Folha de Avaliação**

Autora: Yasmim Costa Ribas

Título: "COVID-19 e Conjugalidade: estudo de caso sobre o impacto da pandemia na intimidade de casais brasileiros"

Banca Examinadora:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Izabella Rodrigues Melo

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Miriam May Philippi

---

Ma. Amanda Guedes Bueno

Brasília - DF

2023

## **Agradecimentos**

De todos os privilégios que eu tenho, o maior deles, sem dúvidas, são as pessoas que me rodeiam. Por isso, não poderia deixar de dedicar um lugar especial aqui para agradecê-las.

Ao José Eduardo, por me apoiar, possibilitar e incentivar a sonhar e a seguir meus sonhos, ensinando que os estudos são as asas para alcançar os maiores voos.

À Perpetua, por me apoiar, possibilitar e incentivar a concretizar e a materializar os meus sonhos e a não desistir dos passos que me levam até eles, apesar das dificuldades do caminho.

À Angélica, por ser a minha companheira nesse nosso sistema familiar louco, por me ensinar a compartilhar e a ser um ser humano melhor e por ser a minha esperança em um futuro melhor.

Ao Walter, por ser uma inspiração, por me ensinar a existir com mais amorosidade, por estar sempre perto mesmo quando fisicamente longe e por ser meu porto seguro até quando eu nem entendia o que era isso.

Aos meus pequenos, Pedro, Anna e Bruno, por me ensinarem e por lembrarem a viver com leveza e criatividade.

Ao Jack, meu vínculo animal, por perceber quando eu estava nos meus piores momentos, por ser minha companhia neles e por me gerar os momentos mais amorosos e fofos do dia.

Ao Alexandre, por ser meu lugar de calma nesse processo e por ser meu parceiro e o melhor companheiro que eu poderia ter para atravessar as sombras e ir além delas em tantos momentos e sentidos.

À minha família, Costa e Ribas, principalmente Enedina, Ana, Beatriz, Gaspar, Walter, Dede, Quequel, Edvanio, Rosilene, Enio, Nilva, Geraldinho, Glorinha, Giane, Célia, Kelen, Fê, Amanda, Luis e Luisa, por serem minha base e rede de apoio, mesmo quando não sabiam que o estavam sendo.

À Bia, minha abelhinha favorita, por polinizar o meu jardim da vida e deixá-lo mais florido e belo a cada dia. Falei isso várias vezes e repito mais uma vez aqui: todas as conquistas dessa graduação, incluindo o diploma, são metade suas. Porém, a minha maior conquista nesse caminho foi a nossa amizade.

À Iza, por segurar a minha mão e me acompanhar e orientar durante o maior desafio da graduação de forma tão amorosa, apoiadora e acolhedora.

À Bianca, ao Àtila e à Lilian, companheiros de embarcação nessa jornada da monografia, por não me deixarem desistir, por me apoiarem e serem meus coorientadores particulares.

À Mel e à Jojo, por enriquecerem a minha vida, por serem suporte em cada crise e por me ajudarem a ver os “altos”, mesmo nos momentos mais baixos.

À Vivi e à Dada, por serem “Tudo Pau” para toda obra e hora e por me ensinarem que o verdadeiro vínculo supera qualquer tempestade.

À Lulu, à Pilma e ao Nicolas, por sempre garantir a graça no meio da desgraça.

Aos Troxas, por terem me ensinado que sem um coletivo é impossível sobreviver à universidade.

Ao Dudu, por ser o primeiro a compartilhar a minha paixão pela psique humana, por me acompanhar nas maiores aventuras mergulhando nesse mundo e no meu mundo interno e por uma conexão que a racionalidade humana é incapaz de explicar.

À Julia, por ser a luz da minha sombra e a sombra da minha luz e por mostrar que a intensidade e a veracidade de uma conexão podem acontecer e ser reconhecidas em apenas um encontro. Movimentar a integração com você é uma sorte!

Ao Dandan e ao Costa, por me mostrarem que a gente pode se sentir em casa mesmo nos contextos mais inesperados e que certos vínculos podem superar o espaço e o tempo.

À Isabel, por me ajudar em momentos de movimento e não movimento, me auxiliando a ver a beleza na imperfeição e enxergar além da falta.

À Mônica, ao Lucas, ao Deco e a toda a comunidade da Pratique, por tornaram o meu mover mais prazeroso, possível e ampliado.

À Carla, por se disponibilizar tão prontamente para ajudar e tornar possível a compreensão das minhas palavras aqui escritas e da expressão das minhas ideias.

Aos professores Leo, Greice, Guilherme, Jana, Fran e Fádua, que me marcaram da maneira mais positiva possível durante o curso, com todos os ensinamentos que ultrapassam o acadêmico.

Aos meus amigos do curso, em especial Josi, Gabs, Talitha, Késia e Jano, por todas as ajudas que me possibilitaram enfrentar os maiores e piores desafios do caminho acadêmico e por me permitirem experimentar além dos desafios.

E, por fim, a mim mesma, por acreditar em mim, por não desistir mesmo quando eu não acreditei em mim, por finalizar esse trabalho que parecia impossível e por tentar ao máximo me respeitar e me cuidar de mim nesse processo.

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>9</b>
Objetivos	14
<b>Referencial Teórico</b>	<b>14</b>
Perspectiva sistêmica e casais	14
Casais, intimidade e COVID-19	21
<b>Método</b>	<b>29</b>
Tipo de pesquisa	30
Participantes	30
Coleta de dados	32
Análise de dados	34
<b>Resultados e Discussão</b>	<b>36</b>
Marcas da pandemia	40
Rotina pandêmica	43
Momentos conjugais	47
Parentalidade: divergência na criação dos filhos	52
<b>Considerações finais</b>	<b>55</b>
<b>Apêndices</b>	<b>65</b>
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	65
Apêndice B - Pergunta Gerativa de Narrativa	68

## Resumo

Em 2020, a humanidade foi forçada a viver em reclusão devido à chegada do vírus SARS-CoV-2. Isso levou as pessoas a passarem mais tempo em casa, o que trouxe desafios e impactos nos relacionamentos amorosos. O convívio intenso entre casais durante o período de isolamento gerou não só conflitos, mas também oportunidades de fortalecimento dos laços.

Diante do mencionado cenário, o presente trabalho tem como objetivo investigar o impacto do convívio em domicílio comum na intimidade de casais brasileiros durante o período de isolamento da COVID-19. Nesse viés, foi realizada uma pesquisa qualitativa com dois casais residentes do Distrito Federal, recorrendo-se a entrevistas narrativas, que foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin.

Os resultados e a análise dos dados obtidos revelaram dois exemplos de experiências completamente distintas. Isso porque um dos casais apresentou uma intimidade forte e negativamente impactada pela pandemia, uma vez que o casal já apresentava uma relação, previamente, fragilizada e não dispunha de recursos para lidar com os novos estressores que surgiram. O segundo casal, por sua vez, demonstrou quase não ter sentido os efeitos do isolamento; e, no tocante à intimidade da relação conjugal, evidenciou-se que essa intimidade foi fortalecida, visto que dispunha de mais recursos para lidar com crises, além da existência de um vínculo, entre os pares, mais fortalecido.

Em suma, os objetivos do trabalho foram cumpridos. Todavia, para extrapolar as limitações que o presente trabalho apresentou, recomenda-se estudos com populações maiores e mais diversificadas.

*Palavras-chave:* Conjugalidade; Pandemia; COVID-19; Intimidade; Isolamento Social; Psicologia Sistêmica.

## **Introdução**

No ano de 2020, a humanidade foi forçada a viver em reclusão devido à chegada do vírus SARS-CoV-2, que afetou, até maio de 2023, mais de 37 milhões de pessoas no Brasil (Brasil, 2023). Em Brasília, onde a pesquisa foi aplicada, o *lockdown* foi determinado em 11 de março de 2020 pela primeira vez no Decreto nº 40.509 (Brasil, 2020). O que, inicialmente, seriam apenas cinco dias de isolamento, transformou-se, a partir de uma série de decretos, em muitos meses de afastamento social, entendido aqui como uma providência que visou à amenização da transmissão e da propagação do vírus da COVID-19 a partir da restrição do contato físico entre pessoas.

Dessa forma, diariamente, houve a necessidade de se aprender a lidar com as mais inusitadas novidades e adaptações suscitadas pelo novo contexto. E, assim como não aconteceu um preparo para os desafios que viriam com a chegada da Covid-19, tampouco existiu um treinamento para o que viria durante e após esse momento marcante. O foco, portanto, foi sobreviver ao hoje para depois pensar no amanhã. E as consequências desse período foram grandes, severas e, majoritariamente, negativas.

Além disso, dentre os diversos complicadores suscitados pelo isolamento, encontram-se as diferentes orientações de saúde dadas pelo governo e pelas organizações de saúde, as notícias falsas, as desigualdades étnico-raciais e econômicas, o aumento do desemprego, a perda da renda familiar, o abalo nos padrões de funcionamento familiar (Silva et al., 2020) e a perda da possibilidade de uma vida pública, que é extremamente importante para a manutenção da vida privada e da intimidade (Illouz, 2021, citado em Rodríguez, 2021).

Diante da complexidade existente nesse contexto, tem-se, como desdobramentos da pandemia, um grande impacto à saúde mental dos indivíduos em razão das grandes mudanças,

das perdas, das incertezas e dos medos que esse período trouxe consigo. Além disso, houve aumento da frequência de depressão, ansiedade e estresse e do sentimento de isolamento e tristeza (Barrera & Giacaman, 2020; Cao et al., 2020, Filgueiras & Stults-Kolehmainen, 2020, Nguyen et al., 2020, Qiu et al., 2020, Vindegaard & Benros, 2020, citado em Coutinho et. al, 2021; Malta et. al, 2020).

A proposta para desenvolver o presente estudo, portanto, surge a partir da leitura do artigo de Silva et al. (2020), que traz "os recursos e riscos familiares durante a pandemia da COVID-19" (Silva et al., 2020, p.12), com um enfoque nas implicações desses fatores para a terapia de casal e familiar. Dessa maneira, a pesquisa relatada aqui aprofundou-se na temática voltada para as relações conjugais sem tratar dos consequentes impactos para os profissionais da área da saúde.

Nesse viés, segundo Silva et al. (2020), estressores sociais, econômicos e emocionais intensificaram a vulnerabilidade familiar e demandaram uma reorganização estrutural da família. Isso porque, a depender das suas condições emocionais, econômicas, sociais, culturais, étnicas, religiosas, de saúde, entre outros, cada indivíduo utilizou os recursos, as capacidades, as ferramentas, as estratégias, as possibilidades e os privilégios que possuía para lidar com a nova realidade. Contudo, independentemente da particularidade de cada sujeito, a situação foi, em grande parte e, no mínimo, estressora, mesmo que vivenciada em diferentes níveis.

Dentre as mudanças causadas por esse período, está o fato de que a população foi forçada a conviver com a realidade de seus lares e com a alteração desta por um longo período; realidade essa que, na maior parte dos casos, não acontecia antes e que, em certos casos, tornou-se opressiva. Isso porque as habitações, na contemporaneidade, de modo geral,

não são preparadas para que seus habitantes passem o dia nelas e as usem como local de trabalho, de estudos, de lazer, de convivência e de descanso (Illouz, 2021, citado em Rodríguez, 2021). Assim, ao se ter o espaço físico, a rotina, a organização e as relações, ou falta delas, experienciadas de uma maneira inédita e intensa, novos desafios surgiram para o elo daqueles que coabitam o mesmo espaço. Em alguns casos, o vínculo foi aprofundado; mas, em outros, os conflitos foram intensificados (Okamoto, 2021, citado em Souza et al., 2022).

Nota-se, portanto, que existe uma diversidade de formas de vínculos possíveis quando se trata de relações afetivas (Marentes, 2020). Há, nesse sentido, casados, noivos, namorados, em união estável, em relacionamento sério sem rótulo, "ficantes", "contatinhos", entre outros. Há, ainda, aqueles em uma relação monogâmica, ou seja, em que se tem apenas um parceiro, e aqueles em uma não-monogâmica, termo esse que abrange todas as formas de se relacionar em que não há exclusividade em relação ao parceiro. Sob essa perspectiva, como versa Bischof & Helmeke (2003), casal são dois parceiros em uma relação séria, íntima e comprometida, seja ela *gay*, lésbica, bissexual, ou aquela em que os casais moram, ou não, na mesma casa.

Ademais, segundo Carvalho & Mafra (2021), há casais que, pelas mais diversas causas, uniram-se sob o mesmo teto sem objetivo de constituir uma união estável, enquanto outros se mantiveram sob o mesmo teto, ainda que houvesse o rompimento do relacionamento. Dessa forma, os autores afirmam que a pandemia da COVID-19 refletiu, significativamente, tanto na vida das pessoas quanto na própria regulamentação jurídica dos casais, destacando a necessidade de uma revisão legal do tema da coabitação para a regulamentação das uniões conjugal e estável.

Ainda sobre este tema, Marentes (2020) traz que, nos últimos anos, alguns casais passaram a morar juntos como estratégia de adaptação frente aos diversos eventos suscitados pela pandemia da COVID-19. Dado que a convivência sempre traz seus desafios em contextos normais, é possível cogitar que, aqueles que escolheram este momento para fazer tal movimento, encontraram ainda mais desafios.

Assim, no decorrer do *lockdown*, a convivência dos casais e a intensidade desta, somada aos obstáculos profissionais, financeiros, de rotina, sociais e pessoais que cada membro teve que enfrentar, inevitavelmente, impactou e gerou conflitos nas relações. Afinal, diferentemente do que retratam os filmes, as histórias de romance e o senso comum moldado por estes, o amor não elimina os obstáculos, não é a solução para todos eles, nem é o único fator de êxito para as relações (Marentes, 2020), ainda que, socialmente, de modo geral, espera-se um “conto de fadas”, um relacionamento amoroso que seja repleto apenas de felicidade.

Na realidade, essa fase de expectativas da vida é complexa e desafiadora (McGoldrick, 2016). Porém, não se pode afirmar que a COVID-19 foi um fator, puramente, negativo para os relacionamentos, pois os fatores externos a eles têm, da mesma forma, o potencial de ajudar na relação (Marentes, 2020). Nesse viés, o isolamento pode ter sido uma oportunidade, do mesmo modo, para muitos casais e famílias refletirem, aproximarem-se e fortalecerem seus laços ao compartilharem mais momentos, prazerosos e desafiadores, juntos.

Sob essa visão, observa-se que a intimidade é essencial para um relacionamento saudável. Ela demanda esforço, paciência e compreensão para ser construída (Rampage, 2003). Além disso, é permeada e marcada por muitos elementos que fazem parte da realidade do casal (Marentes, 2020); todavia, a maioria dos parceiros não suporta experimentá-la

constante e continuamente (Illouz, 2021, citado em Rodríguez, 2021). Illouz, em seu livro "The End of Love: A Sociology of Negative Relations", evidencia o impacto das forças coletivas e externas nas experiências privadas; a COVID-19, portanto, seria um exemplo dessa influência social e cultural que causou um abalo dentro das casas (Rodríguez, 2021).

Assim, em um contexto pandêmico, em que cada minuto e toda energia eram demandados por necessidades básicas de sobrevivência, observa-se: quanto sobrou para ser investido na construção e na manutenção da intimidade? Será que a relação mais íntima demandou mais atenção ou foi uma espécie de recurso fortalecedor no enfrentamento de demandas? É fato que o isolamento social aumentou a sensação de solidão; contudo, será que isso ocorreu apenas para aqueles que se viram afastados fisicamente de pessoas importantes para eles, ou, também, para quem se viu internamente afastado do parceiro amoroso devido à percepção de falta ou de perda de intimidade? E para aqueles que se sentiram satisfeitos com o nível de intimidade da relação, será que essa intimidade foi um fator auxiliador no enfrentamento do isolamento social?

Por fim, sobre essa temática, segundo Silva et al. (2020), a intimidade traz uma sensação de pertencimento e de se ter ajuda para se enfrentarem desafios como a pandemia, por estar diretamente ligada ao sentimento de proximidade. Ademais, a literatura identificou que casais que tinham recursos e que eram capazes de fazer ajustes considerados satisfatórios apresentaram uma tendência a se adaptar melhor aos desafios impostos por períodos conturbados. Todavia, aqueles que já apresentavam dificuldades de intimidade, tiveram uma maior tendência a apresentar dificuldades de adaptação em períodos desafiadores (Patterson, 2020, citado em Silva et al., 2020).

## **Objetivos**

Diante do mencionado cenário, o presente trabalho tem como objetivo investigar, à luz da Perspectiva Sistêmica, o impacto do convívio, sob o mesmo teto, na intimidade de casais brasileiros durante o período de isolamento da COVID-19.

Já em relação aos objetivos específicos, este projeto pretende: investigar quais fatores, decorrentes do isolamento social, afetaram a intimidade; investigar quais recursos foram desenvolvidos frente aos desafios relacionados à intimidade; e verificar se a intimidade teve algum papel auxiliador no enfrentamento dos desafios gerados pela pandemia.

## **Referencial Teórico**

### **Perspectiva sistêmica e casais**

A Terapia Familiar foca na interseção entre indivíduo, subsistemas, sistemas e sistemas mais amplos. Para elucidar tais termos, vale esclarecer que um sistema diz respeito a um "complexo de elementos em interação mútua. Esta definição pode ser aplicada para o indivíduo, para a família ou mesmo para a sociedade. Cada sistema pode se constituir de subsistemas e estar inserido em outros sistemas maiores". (Bertalanffy, 1976, como citado em Motta, 2008, p. 306). Cada elemento desse sistema, por sua vez, é um subsistema, podendo existir, então, o conjugal, o parental, o fraternal, entre outros (Falcão et al., 2020). Ademais, os sistemas podem ser abertos, aqueles que interagem com e interdependem do ambiente; ou fechados, referentes aos que não interagem nem são influenciados pelo ambiente (Motta, 2008).

Importante explicitar também que essa abordagem, a da Terapia Familiar, surge nos anos 60, nos Estados Unidos, a partir do estudo da comunicação. Nas décadas seguintes, com

o aparecimento das suas primeiras técnicas e escolas, há a expansão do seu ângulo interpretativo e discursivo e a relação familiar com sistemas mais amplos passa a ser estudada (Costa, 2010). Do início de sua prática até a atualidade, houve a inclusão, à teoria, de temas com ênfase social, com modificação de conceitos, com alteração na formação e postura do terapeuta, dentre outras transformações decorrentes da adesão de novas temáticas e teorias (Costa, 2010; Anderson & Goolishian, 1998).

Além disso, entre os estudos que formam a base epistemológica e teórica da Terapia Familiar, está a Cibernética, que ocorreu, principalmente, a partir dos estudos sobre o circuito de *feedback* e de circularidade, conceitos que se complementam. O primeiro conceito, o de *feedback*, diz respeito às informações necessárias sobre o funcionamento familiar para que essa instituição social se autorregule e se estabilize (Costa, 2010; Motta, 2008). O segundo, por sua vez, refere-se à relação bilateral não-linear e uma lógica circular (Gomes et al., 2014), em que uma parte afeta a outra.

Todavia, Vasconcellos (2006) faz uma diferenciação entre a lógica circular retroativa (retroação) e a recursiva (recursão). Retroativa faz menção à noção de *feedback*, na qual uma parte do efeito (algo que sai) volta ao sistema como uma informação (algo que entra) de forma que gere uma autorregulação. A recursiva, por sua vez, diz respeito aos "processos em que os efeitos e produtos são necessários ao próprio processo que os gera" (Morin, 1990, p. 123, como citado em Vasconcellos, 2006, p. 116), ou seja, tudo é, ao mesmo tempo, produto e produtor. Nesse viés, enquanto a retroativa é representada por um círculo, a recursiva é representada por um espiral.

Dessa forma, com o progresso dessa abordagem, começou a ser notada uma certa limitação no paradigma cibernético no que se refere às metáforas mecânicas que restringiam

as maneiras de lidar com os processos dos indivíduos (Anderson & Goolishian, 1998). Esteves de Vasconcellos, que foi uma forte crítica do modelo mecanicista da Cibernética, divulgou, nos anos 2000, uma nova proposta: a do Pensamento Sistêmico. Sua nova concepção traz que a família deve ser entendida em seu contexto, em sua complexidade, em sua instabilidade e em sua intersubjetividade (Coelho, 2016; Costa, 2010).

Outro estudo de grande influência para a Terapia Familiar foi a Teoria Geral dos Sistemas. Baseado nesta, advém a visão de organismos como sistemas com elementos interdependentes (Motta, 2008) que interagem com o meio por equifinalidade e por homeostase (Costa, 2010). Ou seja, respectivamente, o equilíbrio surge dos fatores do sistema, e há um processo de autorregulação que mantém o funcionamento do grupo (Gomes et al., 2014). Contudo, a fim de entender esse funcionamento, é preciso concebê-lo como uma totalidade e não como partes isoladas (Coelho, 2016; Motta, 2008).

Ademais, na perspectiva dialógica da Terapia Familiar, a linguagem tem papel primordial na construção da identidade e na forma de entender, de interpretar e de alterar a visão de mundo (Anderson & Goolishian, 1998). Surge, então, a Abordagem Narrativista, que ocupa uma posição central no campo da Terapia Familiar devido à importância de seu pioneiro, Michael White (Carr, 1998). Essa abordagem "preocupa-se com o processo da construção da história e 'verdade' familiar, e como esses significados são construídos" (Costa, 2010, p. 99), entendendo que relações, crenças socioculturais, ideias, regras e valores definem como as experiências são significadas (Rosen & Lang, 2005).

A abordagem narrativista recebe influência do feminismo, da antropologia cultural, do Construtivismo e do Construcionismo Social (Costa, 2010; Rosen & Lang, 2005). Segundo Costa (2010), a partir do Construtivismo, essa abordagem agrega à sua teoria o importante

papel da subjetividade ao conceber a realidade. Já do Construcionismo Social advém a percepção de que o processo de significação se dá a partir das trocas entre o mundo interno e o externo, as quais são mediadas pela linguagem, e das quais os eventos devem ser considerados sempre tendo em vista o seu contexto sócio-histórico-cultural. Ambas as teses epistemológicas complementam-se no intuito de interpretar, de ressignificar e de descobrir sentidos para os acontecimentos a partir da visão e da comunicação familiar.

Nessa perspectiva, os sentidos dados às experiências são resultados de uma construção social que molda a vivência individual e podem ser expressos por meio das narrativas. As ações humanas são, portanto, a concretização desses sentidos (Costa, 2010; Anderson & Goolishian, 1998). Dessa forma, as questões serão sempre entendidas e consideradas em um contexto relacional (Rampage, 2003), ou seja, não se pode compreender o todo apenas a partir das partes, nem as partes sem considerar o todo (Amorim & Silva, 2017). Aqui, o todo não é a soma das partes, apesar de depender delas (Motta, 2008).

A narrativa, construtora de identidade, de vidas e de problemas (Carr, 1998), ganha, assim, o lugar de destaque como facilitadora de criação, de processamento e de elaboração da realidade e dos sentidos dados a ela (Amorim & Silva, 2017; Anderson & Goolishian, 1998). Uma vez que as realidades são construídas pela linguagem e organizadas pela narrativa (Carr, 1998; McDowell, Knudson-Martin & Bermudez, 2018), pode-se pensar que a história dos casais sobre sua relação durante o isolamento constrói as experiências e as questões desse período. Explorar e analisar o que os entrevistados contam sobre a pandemia e a rotina deles durante o período pandêmico ajuda a entender o impacto ocasionado à intimidade.

É importante frisar o papel inerente da construção social nesse processo, pois é no meio em que o sujeito vive que a linguagem e seus significados são produzidos. Se as

concepções sobre a realidade são dadas por um certo grupo, é apenas este que pode fornecer informações sobre seu sistema por meio da comunicação. Afinal, nenhuma teoria é capaz de explicar o saber construído localmente como fazem os membros do local de onde ela se originou. (Anderson & Goolishian, 1998).

O saber, portanto, encontra-se no narrador e não em algum indivíduo ou conceito externo, como é afirmado por outras teorias psicológicas. O terapeuta, por exemplo, ocupa, nessa ótica, um lugar de não-saber e de "facilitador-participante da conversa terapêutica" (Anderson & Goolishian, 1998, p. 37), ele não é um especialista ou definidor de verdades e de caminhos (Búrigo, 2010, citado em Coelho, 2016). Tal como, em um contexto clínico, o cliente torna-se a fonte máxima de conhecimento e, em um contexto de pesquisa, como o do presente trabalho, o entrevistado e sua experiência são a base de conhecimento principal, que deve ser tida como confiável e explorada em conjunto (entrevistado e pesquisador-entrevistador) na busca de sentidos.

O sistema familiar, então, destaca-se no nome dessa abordagem, que entende a família como um grupo que possui identidade própria, com uma ampla rede de relações (Espinal et al., 2006, citado em Rubilar et al., 2021), e que está em constante transformação para garantir o crescimento de seus membros (Motta, 2008). Ainda assim, na prática, a abordagem da Terapia Familiar pode ser utilizada em contextos de terapias familiares, de casais ou individuais. Afinal, cada um desses sistemas e subsistemas impactam e promovem mudanças mutuamente (Costa, 2010).

Dessa forma, considerando que o conceito de família não demanda a existência de filhos ou a intenção de tê-los, um casal, em suas diferentes configurações, ainda pode ser definido como uma família. Isso porque, na formação dessa relação, ocorre a junção de dois

seres com diferentes desejos e potencialidades e de dois sistemas extremamente complexos (Coelho, 2016; McGoldrick, 2016). Esse subsistema diferencia-se de vínculos familiares por se tratar de relações eletivas e seletivas, que demandam compromisso recíproco dos membros (Sarquis, 1995, citado em Rubilar et al., 2021). Estes consentem em relação a uma terceira identidade (o casal) compartilhada, formada a partir das duas identidades individuais distintas. Assim, constroem uma interação que se retroalimenta em uma organização estável e dinâmica (Rubilar et al., 2021).

Além disso, no momento em que um casal se forma, sobretudo quando há casamento, transcorre uma renegociação das relações do par com outros subsistemas, como pais, filhos, irmãos, avós, amigos e empregadores, e o que acontece com o casal afeta não somente seus membros como também aqueles que os rodeiam (McGoldrick, 2016; Rubilar et al., 2021). Há, ainda, o reajuste, dentro da relação, de diversos pontos que foram definidos previamente em seu sistema de origem, ou individualmente, como, por exemplo, hábitos financeiros, alimentares ou de sono (McGoldrick, 2016).

Desse modo, percebe-se que, na perspectiva sistêmica, a formação de um vínculo amoroso é um momento importante e de grandes transformações no ciclo da vida. Sistemas unem-se para criar um novo, que não invalida os anteriores, mas sim os complementa na criação de um cenário mais complexo e delicado de ser analisado. O resultado é um relacionamento transpassado por rituais, por marcas, por hábitos e por tradições de uma série de sistemas e de subsistemas. A qualidade desse vínculo, ao longo do ciclo vital, e a satisfação dentro do relacionamento, aspectos fundamentais para o enfrentamento de crises como a pandemia, dependerão dos bons níveis de coesão do casal, da resiliência, da autorregulação emocional, da adaptabilidade e da flexibilidade (Falcão et al., 2020).

Outra característica que permeia a fase inicial de formação do casal é um certo tipo de distanciamento social, em que a atenção, a energia e o tempo são voltados para a vinculação que, entre eles, está sendo estabelecida. Contudo, caso esse afastamento da rede estendida de apoio se prolongue, ele se torna um potencial problema a longo prazo, principalmente, para as mulheres (McGoldrick, 2016). Uma relevante possível complicação dessa vinculação, em que o casal volta-se apenas para si e esquece-se o externo, é a fusão entre eles. Essa fusão seria a versão adoecida de uma relação íntima, em que não há diferenciação, autonomia ou distância um do outro e a relação é usada para que os membros se completem (McGoldrick, 2016).

Foi visto, anteriormente, que não se pode analisar um fato sem olhar o contexto social em que ele está inserido. Afinal, as interações sociais influenciam a maneira como os casais enxergam a si mesmos, seus relacionamentos e o mundo (Rosen & Lang, 2005). Faz-se, portanto, importante evidenciar a visão sociocultural existente que, além de impor crenças sobre o papel de cada membro na relação, reforça que o foco do casal deverá estar nos vínculos nucleares, o que gera uma demanda emocional para o casal que, por vezes, é maior do que se pode sustentar (Sarkisian & Gerstel, 2008, citado em McGoldrick, 2016). Nesse viés, pode-se cogitar que o isolamento provocado pela pandemia quiçá foi um fator social recente e importante na facilitação da fusão dos casais, uma vez que houve um aumento do tempo de convívio, bem como um isolamento social quase total.

Em suma, conforme aponta Rosen & Lang (2005), assim como ocorre com os indivíduos, a terapia narrativa tem uma visão pluralista sobre casais, compreendendo que as relações são moldadas e definidas pelas dinâmicas de poder e de influências socioculturais. Nessa visão, os casais são cheios de possibilidades e busca-se entender quais histórias

restringem suas vidas e seu relacionamento com o parceiro, evitando a descrição totalizante tanto do casal quanto dos problemas.

### **Casais, intimidade e COVID-19**

Nas relações hodiernas, amorosas ou não, a intimidade é algo que valida a profundidade e a importância de um vínculo. Quanto mais próximas são as pessoas envolvidas em um laço afetivo, maior é considerada a intimidade entre elas. Se, no passado, a intimidade era tida como um produto de relações duradouras, e seu conceito abrangia um conhecimento profundo construído ao longo do tempo sobre o outro, atualmente, ela é demandada, ocupando, inquestionavelmente, um lugar central na relação, e seu conceito se reduziu a um processo discursivo, em que são compartilhados os conteúdos mais privados de cada um (Perel, 2006b; Perel, 2019).

Para além disso, a intimidade traz a sensação de familiaridade e da não necessidade de formalidades em uma relação (Perel, 2006a). Todavia, a depender do casal, dos seus membros, da história de cada um e do que é construído em conjunto por eles, de acordo com Rampage (2003), a intimidade pode ter inúmeros significados, momentos, intensidades e durações. Para a aludida autora, esse fenômeno advém de um processo colaborativo e coordenado entre os membros do casal em prol da criação de significado entre eles. Tal desenvolvimento deve ser dotado de carga emocional e da capacidade mútua de ver e de ouvir.

Neste trabalho, portanto, será utilizado o conceito de Rampage (2003), trazido por Silva et al. (2020), que explicita "temos a intimidade, descrita como 'a experiência de afirmação pessoal e relacional oriunda de interações que demonstram conhecimento recíproco

e validação entre os parceiros’, que pode surgir como um recurso favorecedor da conjugalidade (Rampage, 2005, p. 201)." (Silva et al., 2020, p. 16).

Ademais, vale ressaltar um importante complicador na construção da intimidade que se deve à dificuldade que alguns casais têm de distinguir intimidade, fusão e controle. Como visto anteriormente, intimidade não é sinônimo de fusão; mas sim, a capacidade de existir juntos e separados (Féres-Carneiro, 1998; Whitaker, 1995/1993; Wagner & Mosmann, 2011, citado em Penso & Sena, 2020). Sem diferenciação, não há conexão íntima, pois esta nasce no “entre” que existe no vínculo do "eu" com o "você". Quando há só um "nós", não existe um outro para se conectar ou um “entre” em que a intimidade se forma, ou seja, intimidade demanda alteridade (Perel, 2006a). Para além disso, quando a intimidade é fortemente demandada e se torna obrigatória na relação, desrespeitando limites e espaços pessoais, ela é confundida com coerção, intrusão e controle (Perel, 2006b), aspectos que findam o vínculo íntimo, uma vez que o cuidado é trocado por uma vigilância.

Há, ainda, outros dificultadores que operam em diversos níveis e que impedem que a intimidade plena seja mantida (Rampage, 2003): os acontecimentos e as mudanças sociais. A industrialização, por exemplo, gerou um afastamento e uma desconexão social e resultou em uma maior necessidade de relações significativas e, portanto, íntimas (Perel, 2006b), visto que a intimidade é buscada como uma proteção contra a sensação de estar sozinho (2006a). Quando frente a entraves, tal qual o distanciamento causado pela industrialização ou a chegada de uma pandemia, cada família encontra seus recursos, que podem ser divididos em três conjuntos: modelos organizacionais, referentes aos padrões relacionais familiares e ao seu sistema enquanto rede de apoio; sistema de crenças, que possibilita a concepção de uma resolução para a questão; e processo comunicacional ou de resolução de problemas, que trata

da habilidade de comunicação em relação aos problemas e aos sentimentos despertados por eles (Silva et al., 2020).

Esse último conjunto merece destaque; pois, ao falar de enfrentamento de conflitos, a comunicação é imprescindível e necessária, posto que o reconhecimento da alteridade proporcionado por ela é fundamental para superar os desafios (Santos et al., 2020). Quando a comunicação do casal é deficitária, há maiores possibilidades de ocorrerem distorções nas mensagens e diversos tipos de violências (Coelho, 2013, citado em Coelho, 2016). Contudo, Perel (2006b) acredita que a conversa altamente reveladora pode prejudicar a intimidade ao invés de melhorá-la. Salienta ainda que, apesar da fala ter se tornado a base da intimidade, devido à socialização dos gêneros, homens podem ter dificuldade para se expressarem emocionalmente, o que pode levar as suas parceiras a, erroneamente, acreditarem que eles não confiam nelas ou que não desejam aprofundar o relacionamento.

Assim como a comunicação disfuncional supracitada, outros padrões interacionais familiares complicam a vida com estressores (Henry et al., 2015; Walsh, 1995, citado em Silva et al., 2020), como a crença de desamparo, a falta de senso de pertencimento e de continuidade e as dificuldades de comunicação (Silva et al., 2020). Nesse sentido, assim como a intimidade é afetada pelos desafios, é perceptível que o enfrentamento dos desafios também é permeado pela intimidade, uma vez que esta se faz necessária para sentir o apoio do outro, para confiar o suficiente na possibilidade de encontrar uma solução em conjunto ou para se sentir confortável ao comunicar o que se sente.

Por outro lado, em relação aos casais, cada um constrói, principalmente por meio da característica de cada parceiro (Silva & Martins, 2022) e da comunicação, seus mecanismos de regulação emocional, seu padrão comportamental (Carter & Mcgoldrick, 2001/1989, citado

em Penso & Sena, 2020) e suas regras implícitas e explícitas de convivência (Minuchin, 1982/1980; Carter & McGoldrick, 2001/1989, citado em Penso & Sena, 2020). A dinâmica íntima desenvolvida nesse subsistema, igualmente, demonstra ter grande importância frente a complicações, como a COVID-19. Dessa maneira, é possível supor que este funcionamento e a forma de lidar com os desafios pandêmicos estiveram diretamente conectados e, em uma lógica recursiva, afetando-se mutuamente.

Mediante esse panorama, a pandemia foi uma recente grande adversidade mundial enfrentada. Ela demandou diversos recursos para que pudesse ser superada, que trouxe mais sobrecarga às famílias (Rubilar et al., 2021), foi fonte de estresse e de desgaste, tornou complexa a vivência e tensionou os vínculos (Barrera & Giacaman, 2020). Além disso, ela exacerbou questões intra e inter-relacionais, como a sensação de isolamento e de solidão (Coutinho et al., 2021; Devoe et al., 2022) e os níveis de ansiedade e de angústia em casais (Kerbaui, 2020; Bartilotti, 2020; Sneiderman, 2020, citado em Souza et al., 2022). Desvelou, ainda, partes das relações conjugais que não eram evidentes na época prévia a ela, como a fragilidade das relações (Santos et al., 2020), e ocasionou um aumento da violência de gênero (Contreras, 2020, citado em Barrera & Giacaman, 2020).

Tais fatores demandaram um maior foco no relacionamento por parte dos parceiros (Souza et al., 2022). Assim, de um lado, estão os parceiros que se apoiaram em estratégias mal adaptativas para lidar com os novos estressores, como afastamento mental e negação, e tiveram seus conflitos intensificados. Em contrapartida, têm-se aqueles que, em um relacionamento estável e com recursos adaptativos, como a boa comunicação, foram favorecidos no enfrentamento do novo cenário, reconectando-se, fortalecendo o vínculo e revitalizando a relação (Barrera & Giacaman, 2020; Silva & Martins, 2022).

Em relação a esses aspectos, as autoras Barrera & Giacaman (2020), em suas pesquisas e práticas clínicas, depararam-se com experiências positivas de casais durante a pandemia e buscaram investigar os recursos utilizados por eles. Em suas análises, os artifícios utilizados podem ser divididos em três categorias. O primeiro artifício diz respeito à reorganização familiar em relação às tarefas, em que os papéis de gênero puderam ser mais equilibrados e, portanto, as responsabilidades domésticas e familiares não recaíram sobre a mulher. O segundo foi utilizar as redes de apoio, como familiares, vizinhos e amigos, para ajudar com as demandas, o que aliviou o estresse e garantiu que sobrasse mais tempo para a relação. O terceiro foi o fortalecimento da intimidade, já que esse período viabilizou mais tempo de qualidade em que os pares puderam passar juntos, com conversas mais profundas, (re)conexão emocional, aumento da empatia e cuidado com o outro, conhecimento de novas e diferentes dimensões do(a) parceiro (a) e reencontro, resultando em um aumento do apreço mútuo.

Por outro lado, Souza et al. (2022), por sua vez, traz que, durante os atendimentos psicológicos, terapeutas perceberam que o aumento da convivência compulsória não trouxe nenhum processo novo, apenas colocou em evidência aqueles que existiam antes da pandemia e que não eram vistos (Homem, 2020, citado em Souza et al., 2022), assim como catalisou a busca por ajuda profissional. Os que conseguiram renovar seus pactos fortaleceram seu vínculo. Já aqueles que não conseguiram elaborar o que foi desvelado viveram crises que, em alguns casos, culminaram no fim do relacionamento. Este fato foi evidenciado pelo aumento da busca por divórcios desde o início e após a quarentena (Barrera & Giacaman, 2020; Neves, 2020, citado em Silva, Lopes & Rocha, 2021).

Conforme aludido, é inegável, portanto, que os casais se estruturam das mais infinitas maneiras. Cada uma destas possui suas peculiaridades e, ainda, seus respectivos e diferentes processos e desafios enfrentados na vida e durante a pandemia. Em relação à intimidade, o impacto também variou a depender da dinâmica dos casais. Souza et al. (2022) e Penso e Sena (2020) trouxeram exemplos observados na clínica e apresentados nos parágrafos subsequentes.

Primeiramente, alguns parceiros precisaram fazer reajustes em suas relações, seja para contemplar seus desejos (Souza et al., 2022), seja para renovar a rotina de forma que construíssem a intimidade sem perder a individualidade (Penso & Sena, 2020). Houve aqueles que, para evitar conflitos, mantiveram o "não dito", não entrando em temas desconfortáveis, como as relações extraconjugais (Souza et al., 2022). Estas, porém, foram desveladas para alguns casais, que, ao encararem o fato, tiveram a possibilidade de rever a relação a fim de mantê-la ou de findá-la (Penso & Sena, 2020).

Outros já tinham a sua intimidade e a qualidade do relacionamento comprometidas, como, por exemplo, por questões de papéis de gênero. Nesses casos, o isolamento apenas evidenciou esse fato por não conseguirem mais manter os compromissos extrafamiliares que se velavam (Penso & Sena, 2020; Souza et al., 2022). Para estes, a solução para o relacionamento não ruir foi o investimento na intimidade, que pôde ser viabilizado pela pandemia (Penso & Sena, 2020).

Aqueles que conviviam com outros familiares, como filhos e pais, precisaram equilibrar as mudanças trazidas pela pandemia com os momentos de cuidado aos filhos ou aos pais e com os momentos de intimidade do casal, sem deixar que este fosse negligenciado (Penso & Sena, 2020). Contudo, apesar das complicações em relação à intimidade, alguns se

valeram dela e dos vínculos criados, estreitando-os, para permanecer juntos frente à crise (Souza et al., 2022).

De toda forma, Santos et al. (2020) apontam que o isolamento social foi uma oportunidade de reinventar a conjugalidade ao rever os antigos impasses dessa relação. E, para entender o impacto que teve em cada casal, é preciso considerar a qualidade da relação previamente à pandemia, as necessidades de cada membro, os impactos socioeconômicos familiares vividos e os recursos pessoais e relacionais que surgiram nesse tempo (Barrera & Giacaman, 2020).

Como foi mencionado, os macros e microssistemas estão, a todo momento, comunicando-se e se afetando. Assim, os papéis de gênero construídos socialmente podem ser vistos nas dinâmicas conjugais (Silva et al., 2020; Souza et al., 2022). Nos últimos anos, devido às transformações sociais dos papéis de gênero, os casais, principalmente os mais jovens, têm buscado se rearranjar para dividir as atribuições de cada membro de maneira a alcançar uma maior igualdade na relação. Essas adaptações foram intensificadas e, por vezes, prejudicadas pelas novas demandas trazidas pela pandemia, que evidenciou a ainda intensa presença do modelo tradicional de gênero, tendo homens voltados para a provisão e as mulheres para o cuidado da casa e da família. Tudo isso impactou a intimidade. (Souza et al., 2022).

Mediante esse panorama, pode-se supor que, a partir de uma postura aberta dos membros em busca de uma maior igualdade das funções de gênero, a intimidade teve papel fundamental para que um canal de comunicação, de compreensão e de empatia pudesse funcionar. Assim, por meio do investimento nesse canal, a intimidade pôde ser aprofundada. Contudo, para aqueles casais que se enrijeceram em padrões tradicionais de gênero, a

intimidade foi prejudicada, e percebeu-se o aumento de conflitos com potencial agravamento destes. A título de exemplificação, tem-se a violência doméstica, cujo aumento no número dos casos foi percebido durante o isolamento social devido à pandemia (Silva et al., 2020, citado em Souza et al., 2022; Peixoto, 2020, citado em Silva & Martins, 2022).

Uma outra questão diz respeito ao fato de que um relacionamento pode ser a junção de momentos de intimidade e de não intimidade; porém, o que ajuda o casal a reconhecer um bom nível de intimidade é que esta ocorra regularmente (Rampage, 2003). Com base nesse pressuposto, e entendendo a importância da intimidade para a saúde das relações, que ficou vulnerável no período da pandemia, surge o desejo de entender, de maneira mais profunda e direta, como a intimidade foi impactada e impactou o enfrentamento do isolamento compulsório pela COVID-19.

## **Método**

A pesquisa apresentada neste trabalho é de ordem qualitativa, que lida com interpretações das realidades sociais (Bauer & Gaskell, 2017). Este modelo é recomendado para estudos, indutivos e em profundidade, de questões não quantificáveis por inteiro, ou seja, não captadas por dados quantitativos, e visa a compreender algo particular dentro de seu contexto histórico e social (Lefèvre & Lefèvre 2003, citado em Melo et al., 2021; Vigorena & Battisti, 2011, citado em Melo et al., 2021), como é o caso deste estudo. Por este envolver uma interpretação dos dados observados, foi importante levar em conta tanto o contexto do participante e do campo quanto do pesquisador, rompendo, assim, com o mito da neutralidade científica (Melo et al., 2021). Tendo em vista, portanto, que este trabalho objetivou investigar significados, visões e experiências subjetivas dos participantes, o método qualitativo foi adotado por oferecer maiores possibilidades de aprofundamento e de levantamento das perspectivas pessoais em relação ao tema abordado.

Tal exploração foi realizada por meio do relato dos participantes a partir da metodologia da pesquisa narrativa, dado que se sustenta na interpretação e na análise das histórias e das experiências vividas e contadas, oral ou textualmente, pelas pessoas. Este modelo permite acessar a visão do sujeito sobre si, sobre a experiência relatada e sobre seu contexto. Seu enfoque, contudo, não é apenas no individual, mas também no contexto mais amplo, como o social, o cultural, o familiar, entre outros (Creswell & Poth, 2018). Assim, uma vez que as informações coletadas em questão são narrativas, estas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin, cujo tratamento dos dados tem como base a comunicação e leva em consideração as significações (conteúdo) e, por vezes, sua forma e a

distribuição dessa forma e conteúdo. A realidade estudada, portanto, é apreendida por meio da fala (Bardin, 2011).

### **Tipo de pesquisa**

Com o objetivo de familiarização com o problema em questão (Gil, 2002), foi feita uma pesquisa de natureza exploratória. Para tal, realizou-se um estudo de caso, que forneceu uma maior profundidade e detalhamento da compreensão a respeito de um objeto de estudo composto (Gil, 2002), nesse caso, por múltiplos casos de casais que conviveram na mesma casa durante a pandemia. Por se tratar da relação entre três variáveis (intimidade, convívio e isolamento social durante a pandemia), elegeu-se este delineamento, uma vez que ele permitiu o entendimento dos fatores influenciadores e causais do fenômeno (Gil, 2002). Tal modelo é o que melhor se adequou à pesquisa, por ele não objetivar esgotar a questão e solucioná-la por completo, mas sim torná-la melhor compreendida.

### **Participantes**

Dois casais foram selecionados em uma clínica-escola de uma instituição de ensino superior do Distrito Federal, onde estão em processo de psicoterapia. O convívio doméstico durante a pandemia foi critério de inclusão, ou seja, foram excluídos aqueles casais que, mesmo tendo se visto e mantido contato presencial no isolamento, não tenham residido na mesma casa. Ademais, foram escolhidos aqueles casais que estavam em psicoterapia conjugal.

Dessa forma, foi realizado o contato com seis casais a fim de convidá-los para participarem da pesquisa. Contudo, quatro deles não se encaixaram nos critérios de inclusão e,

por logística e por limitações do cronograma, não foi possível buscar e entrevistar outros. Portanto, a pesquisa foi realizada com a participação de dois casais heterossexuais, monogâmicos, casados, com filhos e que habitavam o mesmo espaço antes, durante e após o período de isolamento social demandado por ocasião da pandemia.

Em cumprimento à Resolução N° 510 (2016) e à Resolução N° 466 (2012), os participantes que se enquadraram no perfil acima descrito foram convidados por meio de uma ligação telefônica, em que se explicaram os objetivos da pesquisa e garantiram-se o sigilo, o anonimato e a supervisão e o auxílio da professora orientadora da pesquisa. Após aceitarem o convite, foi agendado um dia e horário para a realização da entrevista na clínica-escola. Vale ressaltar que a pesquisadora não era responsável pelo atendimento dos casais na clínica e tampouco havia tido contato com eles previamente ao contato visando a entrevista.

A participação dos casais selecionados foi, portanto, voluntária; sendo possível que eles desistissem de participar da pesquisa a qualquer momento (Resolução N° 466, 2012; Resolução N° 510, 2016). Previamente à realização das entrevistas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra no Apêndice A, foi entregue, explicado, lido e assinado pelos participantes. Neste, encontram-se a explicação sobre a pesquisa como sua natureza, a justificativa para a sua realização, os objetivos, o método e os potenciais benefícios e riscos. Todas essas informações foram explicitadas em linguagem clara e acessível a todos os leitores-participantes da pesquisa (Resolução N° 466, 2012; Resolução N° 510, 2016).

## **Coleta de dados**

A coleta de dados somente se iniciou após a aprovação do projeto pelo CEP-UniCEUB (Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília), conforme determina a Resolução Nº 466 (2012). Ela se deu por meio de entrevistas narrativas, que foram realizadas com os dois membros do casal juntos, em uma das salas da clínica-escola da instituição de ensino superior do Distrito Federal da qual foram selecionados os participantes.

Optou-se pela participação de ambos os membros durante as entrevistas a fim de observar, para além dos relatos, a interação entre esses membros. Afinal, as características da relação são evidenciadas para além dos relatos verbais, como, por exemplo, pela forma que interagem e se portam na presença um do outro. A duração das entrevistas foi, em média, de 20 minutos e 40 segundos; tendo a mais curta a duração de 15 minutos e 7 segundos e a mais longa, 26 minutos e 12 segundos.

Segundo Flick (2008), neste tipo de entrevista, o entrevistador mantém uma escuta ativa enquanto o participante narra a sua história ou experiência, com início, meio e fim, de uma forma coerente, relevante, improvisada e completa. Esse modelo se fez interessante para a presente pesquisa por convidar o indivíduo a falar livremente sobre algo que ele tem profundo conhecimento: a sua própria história. Assim, as nuances de cada experiência podem emergir de uma maneira mais expressiva ou genuína. O entrevistador, nesse caso, intervém apenas no início e no fim da entrevista (Flick, 2008).

Para a efetiva ação, usa-se uma "pergunta gerativa de narrativa" (Riemann e Schutze, 1987, p. 353, citado em Flick, 2008, p. 165) que seja clara e específica e que sirva como geradora do relato do entrevistado e relacionada ao tema de interesse da pesquisa (Flick, 2008). A pergunta utilizada no presente estudo foi:

"De maneira livre, narrem a percepção de vocês sobre e como se desenvolveu a intimidade do casal durante o período de isolamento da pandemia. Nos seus relatos, contem como ocorreram as conversas e o compartilhamento de emoções, questões e assuntos mais delicados, como perceberam o apoio do outro, como foram os momentos íntimos e qualquer outra informação sobre esse tópico que acharem importante e/ou quiserem compartilhar. Peço que não se preocupem com o tempo e se sintam livres para darem todos os detalhes que lembrarem."

Em seguida, como indica Flick (2008), fez-se uma investigação mais aprofundada de elementos que não foram detalhados ou elucidados durante a narração, de modo que qualquer pergunta, que não a gerativa de narrativa, foi feita apenas após a finalização da narrativa. Por fim, foram realizados questionamentos em busca de relatos teóricos sobre os eventos (Flick, 2008), tais como a estrutura da casa, o tempo de relacionamento, entre outras que exploravam a realidade vivida pelo casal durante a pandemia.

Cabe ressaltar que se realizou toda a coleta de dados de forma ética conforme a Resolução N° 466 (2012) e a Resolução N° 510 (2016). Nesse viés, os participantes receberam assistência durante todo o período da pesquisa, com a garantia de sigilo e com o apoio psicológico para a possível mobilização emocional. Contudo, a condução do estudo foi feita de forma que não houvesse danos ou que estes fossem minimizados ao máximo.

A presente investigação apresentou riscos mínimos, que se referem à já citada possível mobilização emocional. Além disso, possibilitou-se um relevante benefício não só aos participantes, por propiciar um momento de reflexão pessoal e maior compreensão do que foi

vivido durante a pandemia, como também à comunidade científica e aos profissionais de saúde que, hoje, necessitam lidar com as demandas que surgiram a partir do desafiador momento vivido devido à COVID-19.

Nesse sentido, os dados coletados são de responsabilidade das pesquisadoras envolvidas e foram guardados de forma sigilosa, a fim de proteger a privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa até cinco anos após o fim dela (Resolução Nº 466, 2012; Resolução Nº 510, 2016). As informações divulgadas nos resultados da pesquisa são anônimas, de modo que não há nenhuma exposição dos sujeitos envolvidos neste estudo.

### **Análise de dados**

Esta pesquisa foi pautada na comunicação verbal por meio das falas dos participantes durante as entrevistas narrativas. Dessa forma, foi usada a Análise de Conteúdo de Bardin a fim de compreender, qualitativamente, os elementos do discurso dos entrevistados por meio da inferência dos dados, assim como as inter-relações destes e as intra-relações dos participantes e suas mensagens. A AC reúne técnicas de análise das comunicações que buscam indicadores, qualitativos ou quantitativos, que possibilitem a inferência de conhecimentos relacionados às mensagens que estejam além do conteúdo óbvio, descritivo e imediato dessas mensagens (Minayo et al., 2009).

Para a realização da análise, a técnica selecionada foi a da análise temática ou categorial, em que o texto é repartido e reagrupado para que a investigação do tema (Bardin, 2011) seja mais facilitada. Assim, as etapas metodológicas utilizadas, que compõem esta técnica, foram a pré-análise; a exploração do material; a categorização e o tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação (Bardin, 2011).

Assim, a fim de operacionalizar e de sistematizar as informações iniciais, a pré-análise constituiu-se na escolha de documentos analisados, na formulação de objetivos e de hipóteses e na elaboração de indicadores que possibilitassem a interpretação (Bardin, 2011). Ademais, o corpus selecionado, ou seja, o documento analisado, na presente pesquisa, foram as entrevistas narrativas realizadas.

Essa escolha seguiu algumas regras: a da exaustividade, a que explicita que todos os elementos do corpus devem ser incluídos na análise sem seletividade; a da representatividade, em que a amostra deve representar o todo; a da homogeneidade, ou seja, os documentos devem ser homogêneos e estar dentro dos critérios escolhidos para a pesquisa e a da pertinência, a qual determina que os documentos devem estar de acordo com os objetivos da análise. (Bardin, 2011)

Ao ser concluída a fase da pré-análise, foi iniciado o momento da exploração do material, ou codificação, cuja função é a de transformar os dados em unidades que permitam a representação e a descrição do conteúdo dos documentos (Bardin, 2011). Nesse recorte, portanto, foram escolhidas as unidades de registro e de contexto, fez-se a classificação e a agregação dessas unidades e foram escolhidas as categorias em que foram separadas.

Na etapa de categorização, os dados com características em comum foram agrupados de acordo com o gênero dos entrevistados e com os critérios léxicos. A categorização, assim como a pré-análise, possui regras, sendo estas: a de exclusão mútua, em que um elemento não pode ocupar mais de uma categoria; a da homogeneidade, ou seja, as categorias devem ser organizadas por um único princípio; a da pertinência, em que as categorias escolhidas devem fazer sentido para a análise em questão; a da objetividade e fidelidade, nas quais as diferentes

partes do material devem ser submetidas à mesma codificação e a da produtividade, que versa que os resultados devem ser férteis para a pesquisa. (Bardin, 2011).

Por fim, ocorreu o tratamento dos resultados e a interpretação deles. A partir desse cuidadoso tratamento dos resultados, eles foram sintetizados e selecionados e, assim, fizeram-se as inferências e as interpretações, visando aos objetivos iniciais do trabalho. (Bardin, 2011)

## **Resultados e Discussão**

Como mencionado, a pesquisa foi realizada com a participação de dois casais heterossexuais, monogâmicos, casados, com filhos e habitaram o mesmo espaço durante o isolamento social. Assim, com o objetivo de manter o anonimato dos participantes, cada casal foi identificado pela letra C e um algarismo correspondente à ordem em que foram entrevistados. Ou seja, o primeiro casal entrevistado será C1; e o segundo, C2.

Isso posto, o C1 está junto há trinta anos, tem três filhos homens menores de idade e começou, no presente semestre, a terapia de casal para lidar com questões que foram intensificadas durante a pandemia. O marido pouco participou da entrevista, concordando, em grande parte, com o que foi dito pela esposa. Sua fala mais extensa e descritiva se deu apenas no momento em que quis se defender de um relato feito por sua esposa sobre um evento da noite anterior à entrevista em relação à criação dos filhos. Ademais, o clima entre os dois estava mais tenso e, durante a conversa, desviaram para assuntos não relacionados diretamente ao tema, mas sim, aos conflitos da semana anterior. Entretanto, alguns dados desses relatos ajudaram na análise dos dados.

Já o casal C2 tem dois filhos, um menino e uma menina menores de idade, não são naturais de Brasília e a atual terapia não diz respeito a questões ligadas ao período da pandemia. Diferentemente do primeiro casal, apesar de a mulher ter tido mais tempo de fala, no geral, a disparidade nesse tempo foi menor, pois o homem participou bem mais da entrevista, contribuindo, significativamente, com os dados que a esposa trazia. O clima entre os dois estava mais leve e descontraído e não tiveram conflitos ou discordâncias em seus relatos como ocorreu com o C1. Ademais, suas falas eram mais assertivas e pontuais.

Para além disso, sabe-se que a situação socioeconômica das famílias durante a pandemia foi um grande fator responsável pela desestabilização e necessidade de reorganização das famílias (Barrera & Giacaman, 2020; Silva et al., 2020). Contudo, esse aspecto não foi trazido por nenhum dos casais durante as entrevistas. Portanto, não foi possível conceber se houve uma conexão entre a caracterização socioeconômica desses casais e a intimidade deles.

Nesse cenário, a interação e participação durante os relatos são material de grande valor por já evidenciarem, em um primeiro momento, o estado da relação do casal e a possível existência de conflitos. Assim, anteriormente à análise das falas, ficou a hipótese de uma intimidade prejudicada entre o C1 e uma melhor intimidade entre o C2. A análise abaixo detalhada corroborou com esta suspeita e trouxe elementos para entender qual a influência do convívio, durante a pandemia, na intimidade das interações que foram observadas.

Como supracitado, na sessão do Método, a partir das suas narrativas, foi realizada a Análise Temática com os dados. Estes foram categorizados e agrupados com base na relevância do conteúdo para os objetivos da pesquisa, seguindo as regras da pré-análise da Análise de Conteúdo de Bardin (2011). A seguir, na Tabela 1, encontram-se as categorias

formadas, a frequência com a qual aparecem em relação aos casais e as unidades de registro e de contexto que representam as categorias.

**Tabela 1**

*Análise Temática de Conteúdo das Entrevistas*

Categoria (nome)	Frequência	Unidade de registro	Unidades de contexto
<b>Marcas da pandemia</b>	2 (100%)	"Porque a gente vê que não tem mais segurança." (C1)	"Eu saio de ônibus, primeira coisa que eu faço, qualquer lugar que eu chego, é procurar um lugar pra lavar a mão. (...) E o psicológico né? Porque a gente vê que não tem mais segurança" (C1)
<b>Rotina pandêmica</b>	2 (100%)	"Ele trabalha viajando. E aí isso não ocorreu." (C1)	"a gente até já tinha um hábito dele ficar uns dias em casa e, logo depois, ia viajar, que ele trabalha viajando. E aí isso não ocorreu." (C1)

			[Sobre o casal ter tido bons momentos e momentos a sós durante a pandemia] "Acho que não, né?" (C1)
<b>Momentos conjugais</b>	2 (100%)	"Acho que não" (C1) "Eu acho que foi até...ficamos mais próximos" (C2)	"Não teve aquela coisa, brigamos mais ou brigamos menos por conta disso. Não, eu acho que tudo se manteve ali, entendeu? Eu acho que foi até...ficamos mais próximos." (C2)
<b>Parentalidade: divergência na criação dos filhos</b>	1 (50%)	"Ele começou a participar mais da educação dos meninos, que (...) em minha percepção eu vi como uma interferência" (C1)	"Ele começou a participar mais da educação dos meninos que (...) em minha percepção eu vi como uma interferência, porque eu sempre fiz isso sozinha." (C1)

---

## **Marcas da pandemia**

Essa categoria traz como a visão em relação à pandemia impactou as questões individuais e conjugais dos entrevistados. As experiências foram tão distintas que cada uma representa um extremo das polaridades sobre as preocupações com a COVID-19 e as marcas que elas deixaram. Como traz a referida visão sistêmica, a subjetividade afeta o entendimento da realidade (Costa, 2010) e a qualidade dos relacionamentos está relacionada à saúde mental de seus integrantes (Santos et al., 2020). Ademais, as tensões que emergem socialmente, como as que surgiram durante o isolamento, permeiam as interações (Rampage, 2003). Dessa maneira, o conhecimento desses aspectos pandêmicos sobre os entrevistados é relevante, pois indica como os pares encararam e lidaram com esse período e como a relação entre eles sofreu nesse tempo.

Nessa lógica, para C1, o *lockdown* representou um momento de tensão, de incertezas e de insegurança. Houve uma grande preocupação com os acontecimentos do período e, atualmente, ainda perdura um medo em relação ao que pode voltar a acontecer ou surgir. Para eles, ficou uma insegurança e a crença de que "não tem uma saúde, nada que diga, assim, 'ah, tá tão evoluído'. Nada tá tão evoluído." (C1). Ainda que o período de gravidade tenha passado, os cuidados recomendados naquela época continuam sendo colocados em prática atualmente. As recomendações sanitárias, por exemplo, são adotadas até hoje pela esposa, mesmo que essas sugestões tenham sido aliviadas.

Nesse sentido, C1 é um casal representante do grupo afetado por medos, incertezas e ansiedades (Barrera & Giacaman, 2020; Cao et al., 2020, Filgueiras & Stults-Kolehmainen, 2020, Nguyen et al., 2020, Qiu et al., 2020, Vindegaard & Benros, 2020, citado em Coutinho et. al, 2021; Malta et. al, 2020). Além disso, ambos os pares apresentaram questões de saúde

física e mental, como depressão, no caso dele, e depressão e ansiedade, no caso dela. De fato, aqueles submetidos ao isolamento social ficaram mais passíveis de apresentar sintomas emocionais negativos (Brown et al. (2020), Carroll et al. (2020), Fontanesi et al. (2020) e Spinelli et al. (2020), citado em Brito et al. (2021); Dias et al., 2020; Pereira et al., 2020) e o número de pessoas com a saúde mental afetada tendeu a ser maior que o número de pessoas com COVID-19 (Ornell et al., 2020, citado em Santos et al., 2020).

Em suas narrativas, o C1 não correlacionou seus receios pandêmicos com a relação do casal. Contudo, a questão de um cônjuge é de ambos os parceiros, pois a conjugalidade se faz a partir da soma de duas individualidades. Quando uma parte não está bem, a estrutura conjugal por completa se desestabiliza (Pontes, 2006, citado em Coelho, 2016). Além disso, estressores individuais, emocionais e sociais afetam a dinâmica conjugal, demandando dessa relação uma reorganização (Motta, 2008; Silva et al., 2020) para serem enfrentados. Complementarmente, McGoldrick (2016) afirma que, diferentemente do suporte advindo de um bom casamento, que aumenta o bem-estar e a autoestima, um casamento estressante não é benéfico para a saúde de nenhum dos membros (Parker-Pope, 2010; Gallo, Troxel, Matthews, & Kuller, 2003; DeNoon, 2003, citado em McGoldrick, 20216), e, inclusive, prejudica o reajuste conjugal.

Dessa maneira, a partir da recursividade, entende-se que sintomas intrapsíquicos afetam a relação e vice-versa. Tais dados mostram que, de acordo com a literatura, o C1 precisaria encontrar ou adaptar, de alguma forma, recursos internos do subsistema para que seus temores e tensões não impactassem negativamente o relacionamento e a intimidade do casal. As informações expostas nas seguintes categorias permitirão comprovar essa necessidade.

Por outro lado, tem-se que o C2 "não se desesperou" (C2) e "encarou tranquilamente" (C2). Segundo eles, não tiveram grandes preocupações com o que poderia acontecer, ainda que eles tenham mencionado a preocupação com os pais e, inclusive, a perda de um grande amigo dela, que foi um momento de angústia. Contudo, esses infortúnios não foram "nada muito...é, é que atrapalhasse..é, uma angústia muito intensa, uma depressão, alguma coisa muito séria" (C2).

Dessa maneira, construiu-se uma verdade conjugal compartilhada (Costa, 2010) em que, apesar dos contratemplos da pandemia, ela não representou uma grande ameaça às integridades pessoais ou à integridade familiar. Em outros termos, a partir de uma visão do Construcionismo Social (Costa, 2010; Rosen & Lang, 2005), pode-se dizer que, no encontro da experiência interna deste sistema, em seu contexto econômico-sócio-histórico-cultural, com os acontecimentos sociais externos, a significação, a visão e a interpretação desse período não se tornaram uma fonte altamente estressora para o casal.

Todavia, mesmo lidando bem com o isolamento, os pares sentiram falta de sair de casa para lugares de lazer. Logo, assim que as regras de restrição do contato social foram aliviadas, eles aproveitavam para passear ou para se reunirem com poucos amigos.

"(...) a gente não tava nessa neurose. Porque tinha gente que era assim 'vou nada! Deus me livre!'. Não, abriu o shopping, no primeiro dia eu tava lá. Quando liberou a academia, liberou a máscara, eu no outro dia tava lá sem academia, ou...sem a máscara. Tran-qui-lona! (...) Tudo que abria, no dia seguinte a gente ia." (C2)

Inclusive, viajaram para visitar os pais de um dos pares no final de 2020. Essa viagem, ao invés de ser tomada por uma preocupação, ganhou uma conotação positiva. Todavia, na narrativa feita, esse encontro não foi significado como um momento de tensão, mas sim como um momento feliz e repleto de gratidão. Isso porque foi a última vez que a cōnjuge viu a mãe antes do falecimento desta, que ocorreu por motivos não ligados à COVID-19. Ademais, a convivência familiar, para eles, foi tranquila. Segundo seus relatos, a casa estava mais cheia, equiparando-se mais a momentos de um final de semana, com mais oportunidades de eventos com os quatro membros da família juntos e sem atrapalhar em nada.

Assim, ao analisar o sistema de C2, em seu contexto e em sua intersubjetividade (Coelho, 2016; Costa, 2010), pode-se dizer que a homeostase do sistema conjugal foi favorecida pela visão mais despreocupada do contexto pandêmico. Dessa forma, vê-se que, ao contrário de C1, C2 é uma exceção aos achados de estudos que afirmaram que a pandemia trouxe tensão de vínculos, complexificação da vivência, sensação de isolamento e solidão e aumento do nível de ansiedade e angústia nos casais (Barrera & Giacaman, 2020; Coutinho et al., 2021; Devoe et al., 2022; Kerbauy, 2020; Bartilotti, 2020; Sneiderman, 2020, citado em Souza et al., 2022).

### **Rotina pandêmica**

De maneira geral, pode-se dizer que o período de isolamento social mudou completamente o dia a dia das pessoas. Em alguns casos, a mudança foi radical; em outros, pouco foi alterado. Nesse viés, a categoria "Rotina pandêmica" expõe as narrativas sobre os necessários reajustes familiares diante das alterações da rotina e os impactos causados na relação conjugal.

Na vida de C1, houve uma drástica mudança que gerou graves consequências em sua vida conjugal e familiar. Isso porque, antes de 2020, o marido alternava entre ficar alguns dias em casa e, logo depois, passar um tempo fora em viagens a trabalho. Quando o *lockdown* começou, essa dinâmica foi impossibilitada. Além disso, no mesmo período, o esposo apresentou um problema de coluna que o afastou do trabalho: "ele tá afastado do emprego há quase dois anos. (...) é algo que veio, que não passou. (...) prolongou-se desde a pandemia. Então, para mim, a pandemia continua. Mas tá sendo difícil essa convivência. Foi complicado e tá sendo" (C1).

Com a convivência constante, "começou um desgaste" (C1). As alterações de rotina causaram e intensificaram problemas conjugais e parentais entre os membros; problemas esses que serão apresentados de forma aprofundada nas categorias seguintes. Se, antes, as viagens serviam como recurso para aliviar as tensões, sem elas, nenhum outro recurso foi encontrado para realizar esse alívio.

"quando era rotina do trabalho, a gente brigava. Lógico, todo casal tem as discussões, mas aí viajava, descansava assim, né?...Às vezes quando voltava, você já tinha esquecido as discussões. E agora não, eu acho que vai rendendo...vai rendendo aí bem mais, discussão em cima de discussão" (C1)

A partir do relato do C1, observa-se mais um exemplo de casal que teve a sua vivência complexificada e seus vínculos tensionados em decorrência do isolamento social, como trazem as pesquisas de Barrera & Giacaman (2020). Nessa ótica, conforme expõe Souza et al. (2022), Homem (2020), a pandemia não acarretou novos processos; mas sim, evidenciou os

que não eram vistos até então. Por um lado, tem-se que, de fato, o isolamento ocasionou a revelação da fragilidade conjugal do C1 em relação a uma convivência prolongada, como Santos et al. (2020) afirmou que ocorreria. Por outro lado, entretanto, a coabitação duradoura do C1 é um processo novo e uma nova dinâmica, uma vez que seu funcionamento não era baseado em uma frequência tão prolongada de convivência.

Desse modo, tem-se que a homeostase desse casal era baseada em certo distanciamento. De repente, os cônjuges viram-se diante da necessidade de um processo de autorregulação que não dependesse disso. Visto que os dificultadores a nível interpessoal impedem de que a intimidade plena seja mantida (Rampage, 2003), percebe-se que, a partir desse novo fator, a coabitação foi prejudicial para a qualidade do vínculo íntimo do C1.

Não obstante, apesar da piora, de maneira geral, na relação, a esposa do C1 revela algo positivo. Segundo ela, as tarefas domésticas ficaram menos desiguais durante a pandemia, uma vez que o marido e os filhos começaram a colaborar na realização dos afazeres domésticos. Tal dado corrobora com os dados que ratificam que um dos recursos que ajudaram os casais durante a pandemia foi a reorganização das responsabilidades do lar (Barreca & Giacaman, 2020). Contudo, apesar do reconhecimento positivo da esposa, essa mudança não pareceu ter um impacto significativo para a relação ou para a sensação de reconhecimento e de companheirismo entre os membros, uma vez que a narrativa negativa se sobrepôs a essa considerada positiva.

Em contrapartida, a rotina de C2 pouco mudou com a chegada da pandemia: a esposa, por ser dona do lar, cuida das tarefas de casa e, portanto, já permanecia grande parte do tempo na residência; e o marido seguiu trabalhando normalmente, salvo no primeiro mês, quando, no trabalho, as atividades aconteciam durante, apenas, meio expediente. Dessa forma, na

ausência de grandes mudanças, o ajuste conjugal de C2, nesse período, foi mais descomplicado.

Nesse contexto, a grande modificação foi em relação às crianças, que deixaram de ir à escola, algo que representou um grande incômodo para os pais. Quando o C2 comentou sobre esse transtorno, contou que eles, os pares, dialogavam muito entre si em relação às complicações trazidas por essas mudanças escolares, sempre um apoiando o outro e tendo uma coesão de ideias. Então, apesar do contratempo, o C2 conseguiu apoiar-se em recursos ligados à intimidade para enfrentar as adversidades. Tal percepção sobre os recursos do C2 será melhor exemplificada e elaborada na categoria "Momentos conjugais".

Em relação a esse cenário, um dado importante de ser salientado em relação ao C2 é a reprodução dos papéis sociais de gênero em sua dinâmica conjugal, fato que Silva et al. (2020) e Souza et al. (2022) afirmaram que aconteceu com diversos casais durante a pandemia. Ademais, Barrera & Giacaman (2020) apontaram que as mulheres foram as maiores responsáveis pelas tarefas domésticas. De fato, no caso do C2, enquanto a esposa é a responsável pelos cuidados da casa e dos filhos, o marido é o responsável pelo provimento familiar, confirmando, assim, os dados apresentados por Barrera & Giacaman (2020). Não obstante, apesar de a bibliografia apontar que esse modelo tradicional, ao ser intensificado durante o isolamento, pôde impactar negativamente a intimidade do casal (Souza et al., 2022), aumentando a tensão entre os pares (Barrera & Giacaman, 2020), na experiência do C2, esse modelo não parece ter sido intensificado ou ter prejudicado a intimidade. Na narrativa do casal, ambos os membros pareceram estar de acordo com o arranjo existente e não expressaram necessidades de reajustes.

## **Momentos conjugais**

"Momentos conjugais" agrupa os relatos que abordam, mais diretamente, o tema principal da pesquisa: a intimidade do casal durante o isolamento social em decorrência da pandemia. Como aludido, o conceito de intimidade trabalhado aqui diz respeito àquilo que resulta de uma interação permeada por reciprocidade e validação que possibilita a afirmação pessoal e relacional dos membros do casal.

Primeiramente, cabe salientar que, conforme assinala Rampage (2003), cada casal significa de um jeito a intimidade. Quando esse termo era citado durante as entrevistas, tanto o C1 quanto o C2 tenderam a interpretar como "momentos íntimos", dando uma conotação sexual para a palavra. Contudo, em suas falas, trouxeram várias características ligadas ao sentido de intimidade usado neste trabalho, possivelmente, devido ao fato de a pergunta gerativa de narrativa (Apêndice B) conter e especificar detalhes dos elementos que compõem o significado de intimidade aqui utilizado.

Já em relação ao conteúdo que forma essa categoria, há três características relacionais prejudiciais à intimidade do C1 que ficaram reveladas na convivência intensa do período de isolamento: a falta de companheirismo, que torna o processo de lidar com estressores desafiador (Silva et al., 2020), além de ser permeada e de permear a intimidade em uma lógica recursiva; a falta de comunicação, imprescindível e necessária para enfrentamento e para se evitarem os conflitos (Coelho, 2013, citado em Coelho, 2016; Santos et al., 2020); e, por fim, sem a distância física proporcionada pelas viagens do marido, evidenciou-se um afastamento afetivo e relacional do casal. Ademais, tornou-se perceptível que diálogos disfuncionais eram um padrão comportamental prévio à pandemia, mas era mascarado com outros artifícios, como as viagens.

Diante de um convívio constante, forçado e sem um novo recurso, seja ele organizacional, comunicacional, a partir de um sistema de crenças (Silva et al., 2020) seja apoiado no fortalecimento da intimidade (Barrera & Giacaman, 2020), o casal viu-se frente a uma questão que apenas se intensificava, afastava-os e prejudicava a intimidade dos dois. Em concordância com os achados de Barrera & Giacaman (2020) e Silva & Martins (2022), sobre casais que tiveram seus conflitos intensificados ao se apoiarem em estratégias mal adaptativas, o C1 apontou que não soube lidar de forma construtiva com o novo cenário conjugal: "Era só briga mesmo, a gente não sentava pra...tentar resolver. Só brigava e brigava e....e não tentava resolver." (C1).

Além disso, de acordo com McGoldrick (2016), os problemas que surgem na formação de um casal podem ser inicialmente ignorados e, ao longo do tempo da relação, tornarem-se mais intensos. Assim, pode-se pensar que o convívio durante a pandemia foi um período que propiciou a reaparição de questões que não foram bem trabalhadas e que o recurso usado para evitá-las, por vezes, era o afastamento. Por exemplo, para além dos incômodos que apareciam no dia a dia, alguns outros incômodos do passado retornaram, como uma traição do esposo, nunca antes debatida, e causaram mais brigas e afastamento entre o casal.

Em congruência com o estudo de Souza et al. (2022), manter o "não dito" sobre temas desconfortáveis, como relações extraconjugais, foi uma estratégia para evitar conflitos, que, no caso do C1, foi adotado pelo marido. Enquanto ela afirmou ter tentado puxar conversas sobre o tema, ele se recusou a falar, até que ela desistiu de insistir no assunto.

Na visão da esposa, ou seja, na crença de seu sistema de origem, a verdade deve ser sempre dita, mas não é o comportamento que o marido segue: "A gente tem que falar a

verdade sempre. Então, a pessoa que não fala a verdade, ninguém acredita nela nunca." (C1). Verifica-se que, na união desses dois sistemas que formam o subsistema conjugal, ocorreu uma falta de coesão sobre o entendimento dessa situação. A coesão, contudo, é necessária para a qualidade e a satisfação dentro da relação e ajuda no enfrentamento de crises ocorridas como a pandemia (Falcão et al., 2020). Tem-se, portanto, um fator prévio à pandemia sendo desvelado por ela, prejudicando a intimidade e aumentando a tensão entre os membros do casal.

Com a intercomunicação prejudicada, foi inevitável que ambos os pares se sentissem como não vistos, não validados e não reconhecidos um pelo outro, fatores esses que são imprescindíveis para a intimidade. Em suas falas e interações durante as entrevistas, ficou perceptível que ambos não aceitam ou não compreendem a realidade do outro e sentem que as suas também são negligenciadas. Frente a essa falta de afirmação pessoal e relacional, o resultado obtido foi a sensação de ausência de companheirismo, queixa apresentada na fala da esposa.

Por fim, corroborando com essas análises expostas, o C1 relata que, nos últimos trinta anos juntos, o momento mais desafiador para o casal tem sido o da pandemia até hoje. "Em relação ao casal...em relação ao casamento...agora tem sido pior. É..é em relação, assim, a manter o casamento tem sido agora." (C1). Relatam que não houve bons momentos do casal, nem mesmo momentos em que eram apenas deles. Segundo a esposa, era "todo mundo junto" (C1). Tal aspecto é um sintoma que evidencia, uma vez mais, a falta de intimidade do casal.

De outro lado, com uma experiência completamente diferente, está C2. Aqui há um casal que, a partir de bons momentos juntos, tiveram uma melhoria em sua intimidade. O isolamento não pareceu afetar negativamente a relação conjugal do C2, mas sim de maneira

positiva. O convívio mais intenso não ocasionou mais brigas ou afastamento entre os dois, que, na realidade, ficaram "mais próximos até" (C2).

Nesse sentido, as suas opções de lazer pré-pandemia acabaram sendo transformadas e adaptadas com a chegada do isolamento. Isto é, restaurantes que o casal costumava frequentar foram trocados por noites em que, juntos, bebiam vinho e assistiam às *lives* que os artistas faziam no tempo de *lockdown*. Essa autorregulação, por meio da reestruturação de uma tradição conjugal, tornou-os mais próximos e, inclusive, essa proximidade perdura até hoje, fato que se deram conta durante a entrevista. Entretanto, as *lives* foram trocadas por filmes.

Ademais, havia uma organização e um empenho ativo para que momentos apenas do casal conjugal acontecessem. Assim sendo, relataram que colocavam as crianças para dormir mais cedo ou avisavam a elas: "Ah, agora eu vou ficar aqui com seu pai, a gente vai ficar aqui na sala assistindo alguma coisa" (C2). Isto é, como afirma a teoria trazida por Falcão et al. (2020), tal movimento foi possível pelos bons níveis de coesão, resiliência, autorregulação emocional, adaptabilidade e flexibilidade do casal. Assim, o C2 está em harmonia com o encontrado por diversos autores (Barrera & Giacaman, 2020; Silva & Martins, 2022; Souza et al., 2022) sobre casais que fizeram uso de recursos adaptativos e da renovação de pactos e, assim, fortaleceram seu vínculo e sua intimidade durante o isolamento. Nessa lógica, a separação de ambientes entre o casal e os filhos foi uma simbolização da separação que souberam fazer entre o casal conjugal e o parental, o que proporcionou um tempo reservado para os momentos conjugais íntimos.

Para finalizar, cabe salientar um ponto importante do relato do C2 sobre sua rede social e de apoio:

"Mas também a gente também nunca foi de muitos amigos, nem de tá saindo muito por não sermos daqui. Então a gente também não tem rede de apoio pra deixar criança pra estar saindo e tal. Então, assim, pra gente não fez muita diferença. Era muito tá em casa com as crianças mesmo. Então, foi tranquilo."  
(C2)

Em vista disso, segundo a Abordagem Narrativa, a família e a rede social são um recurso importante (Carr, 1998). Isso significa que não ter uma rede de apoio ou ter uma rede de apoio abalada significa perder um recurso importante para lidar com os obstáculos da vida, como o próprio período da pandemia. Afinal, esse foi um recurso essencial para casais com filhos nesse período (Barrera & Giacaman, 2020).

Nesse sentido, como traz o relato anteriormente exposto, o C2 é de outro estado e não possui familiares ou tantos amigos por perto para apoiá-lo. Dessa forma, compreende-se que o modelo organizacional familiar e do relacionamento tenha se dado de forma tal que eles encontraram apoio dentro do próprio sistema. Por uma ótica, esse aspecto ajudou na construção de uma intimidade que os ampara em momentos difíceis, como o tratado neste trabalho. Em contrapartida, essa configuração relacional pode ter consequências negativas para ambos os cônjuges, como a intimidade ser transformada em fusão ou uma co-dependência entre os parceiros. Porém, por falta de dados e por extrapolar o escopo proposto pelo estudo, tal aspecto não será aprofundado aqui.

## **Parentalidade: divergência na criação dos filhos**

Essa última categoria reúne os dados referentes ao casal parental e às preocupações com os filhos. Para tal, é importante elucidar que a parentalidade pode ser caracterizada como "a relação diática mãe-filho e pai-filho" (Silva et al., 2020, p. 19), e, apesar de não ter um conceito fechado e definido, envolve atividades que visam à sobrevivência e ao desenvolvimento físico, psicológico e social da criança (Barroso & Machado, 2010, citado em Brito et al. 2021). Essa relação diática é, naturalmente, composta por inúmeras adversidades em seu decorrer usual. Porém, quando as dificuldades do período pandêmico foram somadas a essas inúmeras adversidades, os pais se viram ainda mais exigidos para lidar com os deveres parentais agregados à gestão da nova rotina (Barrera & Giacaman, 2020).

Nessa perspectiva, assim como aconteceu, de acordo com estudos, com a maior parte das crianças (Schönfeldt & Bucker, 2022; Silva et al., 2020), os filhos do C1 também começaram a apresentar sintomas, como ansiedade e alteração em hábitos. Dado que essas ocorrências repercutiram na relação desse casal, e, portanto, em sua intimidade, fez-se necessária a inclusão da temática referente à relação pais-filhos, apesar de não ter sido um elemento previamente selecionado para ser tratado neste estudo. Afinal, a conjugalidade e a parentalidade são interconectadas e interdependentes, sendo processos envolvidos em uma lógica recursiva (Rubilar et al., 2021)

Assim, tem-se que a divergência parental em relação à educação dos filhos foi destaque para o C1 no isolamento e gerou abalo na relação. Visto que todo casal tem as suas regras implícitas e explícitas (Minuchin, 1982/1980; Carter & McGoldrick, 2001/1989, citado em Penso & Sena, 2020), para o C1, antes da pandemia, a regra era que as decisões parentais eram realizadas pela esposa, ou seja, pode-se dizer que estas eram, de certa forma,

monoparentais. Devido às mudanças na rotina, a participação do esposo tornou-se mais presente e mais evidente. Dessa maneira, os conflitos entre eles se tornaram mais ocorrentes e intensos. Embora reconheça os direitos dele, a mãe afirma ainda ter dificuldade em ceder espaço para o pai nas decisões parentais.

"E você vê que, assim, que você briga, mas você tem que levar em conta também que é o pai. E você também tem que pegar mais leve, porque ele tem o poder de decisão também. E aí, como que faz? (...) vinha um tipo de criação e, de repente, alguém que tem o direito também vem com outro tipo e muda o que você tem feito. E aí desanda tudo e o relacionamento, seu relacionamento com essa pessoa também acaba que interfere e abala bastante" (C1)

O pai, por sua vez, expõe que tenta manter-se afastado e fora das brigas entre a esposa e os filhos, pois ela tende a envolvê-lo, mesmo que ele não faça parte da discussão a princípio. Segundo o marido, até quando ele concorda com a posição dela, a esposa acredita que ele está em posicionamento contrário ao dela. Por isso, a solução que encontrou foi ausentar-se.

Tal descrição denuncia, mais uma vez, a falta de comunicação entre o casal e a dificuldade de um reconhecer o lado e as intenções do outro. Nesse sentido, pode-se dizer que os conflitos do casal parental acarretaram na intensificação dos desentendimentos supracitados do casal conjugal e na fragilização da sua vulnerabilidade e vice-versa.

Além disso, conforme Brito et al. (2021), diversos estudos mostram que as preocupações e a sobrecarga familiar provocaram danos à saúde mental dos pais, que se manifestaram com sintomas de ansiedade, de depressão e de transtorno de estresse

pós-traumático. E, de fato, como foi descrito anteriormente, o C1 teve sua saúde mental extremamente abalada durante o confinamento domiciliar, o que confirma a teoria.

Nesse viés, para se proteger de fatores de risco, um bom relacionamento conjugal (Wu et al., 2020, citado em Brito et al., 2021) e uma harmonia familiar (Ye, 2020; Wu et al., 2020, citado em Brito et al., 2021) são meios possíveis. Contudo, mais uma vez, o C1 encontra-se em um lugar em que a intimidade prejudicada impossibilita um melhor enfrentamento de crises, assim como as crises tornam a afetar negativamente a intimidade.

Em suma, viu-se que os filhos são a parte de maior destaque na vida do C1; pois, apesar de todos os conflitos conjugais descritos, os filhos ainda foram a maior preocupação no período da pandemia, conforme observado no relato da esposa. Além disso, um fator que simboliza essa prioridade do parental sobre o conjugal é o fato de que, no uso da casa, a mãe contou que os filhos tendem a ficar na sala de TV com a maior TV, enquanto os pais ocupam a sala menor com uma TV menor. Da mesma forma, para os cônjuges, foi o amor aos filhos e a vontade de vê-los crescer bem que os ajudou a passar pelo momento da pandemia. Portanto, a partir dos possíveis recursos frente a entraves da vida trazidos por Silva et al., 2020, pode-se dizer que um mecanismo encontrado pelo C1 foi o sistema de crenças em relação à parentalidade, o qual afirma que os pais têm que, juntos, criar os filhos.

### **Considerações finais**

O objetivo deste estudo era investigar o impacto do convívio no mesmo domicílio sobre a intimidade de casais brasileiros durante o período de isolamento da COVID-19. Quanto aos objetivos específicos, investigaram-se quais fatores decorrentes do isolamento

social afetaram a intimidade; quais recursos foram desenvolvidos frente aos desafios relacionados à intimidade e se a intimidade teve algum papel auxiliador no enfrentamento dos desafios gerados pela pandemia.

Os dados obtidos e, seguidamente, analisados mostraram dois distintos impactos à intimidade conjugal durante a pandemia. Nesse sentido, o primeiro casal, C1, ilustrou a experiência de casais que tiveram a sua intimidade prejudicada durante o período de isolamento. Apesar de o momento pré-pandemia não ter sido investigado a fundo, foi possível perceber que esse casal já tinha um relacionamento abalado, e, portanto, uma intimidade também abalada, mesmo antes do *lockdown*. Dessa maneira, com os estressores individuais e relacionais que surgiram durante essa crise sanitária mundial, a tendência foi prejudicar ainda mais a dinâmica conjugal. Dentre os fatores que comprometeram a intimidade desse casal tem-se a falta de comunicação, de empatia, de reconhecimento, de companheirismo e de sensação de valorização.

Já o segundo casal, C2, agregou às estatísticas de casais que tiveram sua intimidade pouco afetada, mas, ainda assim, positivamente impactada. Isso porque a pandemia, na visão desse casal, pouco os afetou. Mesmo sendo impedidos de manterem a rotina exatamente como era antes, eles foram capazes de rearranjá-la de forma coesa e satisfatória para ambos os membros. Inclusive, afirmaram que a pandemia os aproximou mais, por terem vivenciado mais momentos conjugais e por terem criado uma nova tradição de tirarem um momento para o casal ao assistir algo e tomar um vinho. Contrariamente à experiência do C1, o C2 apresentou ter, como recursos que promovem a intimidade, uma boa comunicação, respeito ao outro, reconhecimento, aceitação da realidade e do outro e investimento em tempo de qualidade conjugal.

Assim, vê-se que o objetivo geral foi cumprido. Em se tratando dos objetivos específicos, que também foram satisfeitos, tem-se que os estressores inter e intrapsíquicos gerados pelo medo, pelo estresse, pela preocupação, pela sobrecarga e pelos ataques à saúde mental dos casais foram os que mais afetaram a intimidade. Ademais, os recursos desenvolvidos frente aos desafios relacionados à intimidade foram referentes à reestruturação do relacionamento, à adaptabilidade e flexibilidade frente às mudanças, à coesão conjugal e a uma boa comunicação. Por fim, a experiência do C2 mostrou que a intimidade teve um papel auxiliador no enfrentamento dos desafios gerados pela pandemia a partir do momento em que uma boa intimidade gerou um bom relacionamento, que proporcionou um ambiente e um apoio para que os membros conjugais sentissem-se amparados em meio às incertezas do momento pandêmico.

Além disso, posto que estes objetivos foram cumpridos, cabe o destaque de algumas considerações. A questão da parentalidade esteve em evidência na realidade da pandemia dos casais entrevistados e de outros inúmeros casais de acordo com Silva et al. (2020); mas, por não se relacionar com os objetivos da pesquisa, não foi analisada em profundidade. À vista disso, propõem-se novas e maiores pesquisas sobre esse assunto.

A partir dos dados obtidos, vê-se que a pesquisa colabora com o mapeamento dos dados sobre o tema em destaque. Entretanto, salienta-se a importância de mais pesquisas e estudos sobre esse tópico, a fim de se aumentar a compreensão e a abrangência dele com populações mais amplas e diversas em relação à sexualidade, à formação familiar, à etnia, entre outras diferentes formas de estar e existir em sociedade.

Assim, a título de exemplo sobre a demanda de aprofundamento do objeto de pesquisa, tem-se que os casais entrevistados, como mencionado anteriormente, eram

heterossexuais, monogâmicos, casados e com filhos. Ou seja, os resultados estão mais relacionados a uma conjugalidade dentro de grupos mais próximos das normas e padrões sociais. Tal fato gera uma lacuna em relação a casais com diferentes configurações e características. Segundo Santos et al. (2020), grupos socialmente fragilizados pela desigualdade estão mais sujeitos a conflitos conjugais e, por isso, necessitam de mais visibilidade e atenção. Cabe, nesse sentido, pesquisas mais minuciosas sobre essa temática com estudos envolvendo casais sem filhos, não casados, recém-formados ou que passaram a morar juntos na pandemia ou que moraram por pouco tempo juntos antes de o isolamento começar.

Ademais, a entrevista narrativa foi um método de pesquisa extremamente compatível com o pensamento sistêmico e, mais ainda, com a abordagem narrativista. Afinal, esse tipo de entrevista proporciona que a narrativa do entrevistado surja espontaneamente e, assim, é possível apreender como o sujeito significou a experiência vivida e os elementos de sua história que se conectam com essa vivência. Dessa forma, ao invés de o entrevistador direcionar as respostas dos participantes, estes ficam livres para construir a narrativa a partir de elementos que fazem sentido para o seu contexto e não que são escolhidos por um terceiro, nesse caso, o entrevistador. Contudo, devido, possivelmente, às entrevistas terem sido realizadas em uma clínica-escola, onde a pesquisadora fazia estágio, os participantes podem ter alternado entre a posição de clientes e de entrevistados, o que também colaborou para que surgissem assuntos não diretamente relacionados à intimidade ou ao período da pandemia. Portanto, recomenda-se repensar o lugar de aplicação da entrevista ou o tipo de entrevista caso haja o interesse de investigar o tema desta pesquisa de maneira mais direta ou estruturada.

Em síntese, a monografia aqui apresentada não apenas contribui com estudos científicos sobre os entrelaçamentos entre a conjugalidade e a COVID-19, mas também beneficia a atuação de profissionais na clínica que possam se deparar com as consequências encontradas no pós-pandemia. De acordo com a terapia narrativa, externalizar as questões é um passo essencial para o processo terapêutico, uma vez que auxilia os clientes a se separarem dos problemas que, em suas narrativas, os dominam (Carr, 1998). Assim, falar sobre o isolamento em terapia pode ajudar a trabalharem-se as marcas deixadas por ele. Porém, o profissional precisa estar preparado e ciente, teoricamente, dos problemas e experiências sociais que afetaram os casais nesse período a fim de identificar e de discernir uma narrativa carregada de experiências sistêmicas a nível macro da identidade do cliente ou do sistema trabalhado. Dessa forma, poderá colaborar no processo de separação do cliente e sua questão.

## Referências Bibliográficas

- Amorim, A. S., & da Silva, I. M. (2017). A Terapia Individual Sistêmica e o uso de técnicas narrativas. In *Psicologia clínica e cultura contemporânea* (Vol. 3, pp. 710–737).
- Anderson, H., & Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. In S. Mcnamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social*, (p. 34-50).
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições, 70, 276.
- Barrera, G. V., & Giacaman, D. V. (2020). Recursos Que Surgen en las Parejas en Tiempos de Pandemia. *De Familias y Terapias N° 49*. (p. 37-52).
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2017). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes Limitada.
- Bischof, G. H., & Helmeke, K. B. (2003). Couple Therapy. In L. L. Hecker & J. L. Wetchler (Orgs.), *An introduction to marriage and family therapy* (p. 297–336).
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, 59.
- Brasil. Decreto nº 40.509, de 11 de março de 2020. (2020). Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências.  
[https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ad0fae78af5f4e50b46c7357b7ee8597/Decreto\\_40509\\_11\\_03\\_2020.html](https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ad0fae78af5f4e50b46c7357b7ee8597/Decreto_40509_11_03_2020.html)

- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). (2016). Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*, 1-1.
- Brasil. Ministério da Saúde. Coronavírus Brasil. (2023). Acesso em: 20 de maio de 2023. <https://covid.saude.gov.br/>.
- Brito, A. de, Teruya, K., Souza, M. L. A. de, & Remor, E. (2021). Parentalidade e saúde física e mental na pandemia da covid-19. *Psicologia e covid-19: saúde, desenvolvimento e educação. Belo Horizonte: Dialática, 2021. p. 58-75.*
- Carr, A. (1998). Michael White's narrative therapy. *Contemporary family therapy, 20*, 485-503.
- Carvalho, F. Q. M., & Mafra, T. C. M. (2021). A coabitação como elemento acidental e não essencial da sociedade conjugal e da união estável: a lição da pandemia da Covid-19. *Revista Brasileira De Direito Civil, 26(04)*, 107-129.
- Coelho, V. M. (2016). Como a psicologia sistêmica pode contribuir no processo terapêutico de casais em conflito. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas* (p. 86-104).
- Costa, L. F. (2010). A perspectiva sistêmica para a clínica da família. *Psicologia: teoria e pesquisa, 26*, 95-104.
- Coutinho, C. de, Mota, T. M., Santos, L. P., Silva, T. S., Conde, T. N., Mulder, A. da, & Seixas, C. M. (2021). O impacto da pandemia de covid-19 nos transtornos alimentares e Seu Tratamento: Uma Revisão Integrativa da Literatura. *Research, Society and Development, 10(10)*. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.19015>

- Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2018). *Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing among Five approaches*. SAGE Publication Inc.
- Dias, W. B., Paiva, F. F., Silva, J. M. L. da ., Rocha, L. S. da ., Araújo, L. T., Rodrigues, V. P., Martins, A. C. G. S., & Costa, P. . C. V. D. P. (2020). Impacts on mental health caused by the sars-cov-2 pandemic and social isolation: an experience report. *Research, Society and Development*, 9(8), e979986876. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6876>
- Devoe, D. J., Han, A., Anderson, A., Katzman, D. K., Patten, S. B., Soumbasis, A., ... & Dimitropoulos, G. (2022). The impact of the COVID-19 pandemic on eating disorders: A systematic review. *International Journal of Eating Disorders*.
- Falcão, D. V. S., Nunes, E. C. R. C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2020). COVID-19: Repercussões nas Relações Conjugais, Familiares e Sociais de Casais Idosos em Distanciamento Social. *Revista Kairós-Gerontologia*, 23(Número Temático Especial 28, “COVID-19 e Envelhecimento”), 531-556.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3rd ed.). Artmed.
- Gil, A. C. (2002). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (4th ed.). Atlas.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando famílias*, 18(2), 3-16.
- Malta, D. C., Gomes, C. S., Szwarcwald, C. L., Barros, M. B. d. A., Silva, A. G. d., Prates, E. J. S., Machado, Í. E., Souza Júnior, P. R. B. d., Romero, D. E., Lima, M. G., Damacena, G. N., Azevedo, L. O., Pina, M. d. F., Werneck, A. O., & Silva, D. R. P. d. (2020). Distanciamento social, sentimento de tristeza e estilos de vida da população brasileira durante a pandemia de Covid-19. *Saúde em Debate*, 44(spe4), 177–190. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020e411>

- Marentes, M. (2020). De convivências arrebatadas: parejas en tiempos de coronavirus. *Documentos de investigación social*, 5, 1-8.
- McDowell, T., Knudson-Martin, C., & Bermudez, J. M. (2018). In *Socioculturally attuned family therapy: Guidelines for Equitable Theory and Practice* (pp. 217–235). Routledge, Taylor & Francis Group.
- McGoldrick, M. (2016). Becoming a Couple: The Joining of Families. In *The expanding family life cycle: Individual, family, and Social Perspectives* (pp. 259–279).
- Melo, I. R., Wohlgemuth, M. da G. C. L., Silva-Xavier, E. A. da, Oliveira, J. de P., Miura, D. A., & Brambatti, L. P. (2021). Análise Qualitativa: a utilização do discurso do sujeito coletivo em Psicologia da Saúde. In E. M. F. Seidl, E. Queiroz, F. Iglesias, & M. Neubern (Orgs.), *Estratégias Metodológicas de Pesquisa em Psicologia Clínica: possibilidades e avanços* (p. 87–106). CRV.
- Minayo, M. C. de S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2009). Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade. Editora Vozes Ltda.
- Motta, M. D. C. (2008). Teoria sistêmica e família, pontos e contrapontos. *XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur*. (p. 305-307)
- Penso, M. A., & Sena, D. P. A. (2020). Relações amorosas em tempos de isolamento social. *Janelas da pandemia*. Belo Horizonte: Editora Instituto. p. 155-164.
- Pereira, M. D., Oliveira, L. C. de, Costa, C. F. T., Bezerra, C. M. de O., Pereira, M. D., Santos, C. K. A. dos, & Dantas, E. H. M. (2020). The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review.

*Research, Society and Development*, 9(7), e652974548.

<https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>

- Perel, E. (2006a). More Intimacy, Less Sex: Love Seeks Closeness, but Desire Needs Distance. *Mating in Captivity*. (p. 19-37).
- Perel, E. (2006b). The Pitfalls of Modern Intimacy: Talk Is Not the Only Avenue to Closeness. *Mating in Captivity*. (p. 38-52).
- Perel, E. (2019). Los Amoríos Ya No Son Lo Que Eran. *El Dilema de la Pareja* (p. 31–41). Editorial Planeta Mexicana.
- Rampage, C. (2003). Gendered constraints to intimacy in heterosexual couples. In *Feminist family therapy: Empowerment in social context*, 199–210.
- Rodríguez, M. (2021, Maio 31). Maioria dos casais não aguenta intimidade constante sem a esfera pública, diz socióloga Eva Illouz. *BBC News Brasil*. Recuperado em 6 de Novembro, 2022, from <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56886733>.
- Rosen, L. V., & Lang, C. (2005). Narrative Therapy with Couples: Promoting Liberation from Constraining Influences. In *Handbook of Couples therapy*, 157–178.
- Rubilar, E. B., Rapimán, C. S, Muñoz, F. F., & Figueroa, M. E. (2021). Flexibilización Vincular: Una Herramienta Para Explorar y Enriquecer la Conyugalidad y Parentalidad en Adultos Emergentes en Contexto de Pandemia. *De Familias y Terapias N° 50*, (p. 17-37).
- Santos, S. A., Santos, V. E. N., Thomaz, G. R. M., & Alves, E. S. (2020). A relação entre a Saúde Mental e os laços conjugais em tempos de pandemia. *Mosaico: Estudos Em Psicologia*, 8(1), 4–12.

- Schönffeldt, S. D. G., & Bücken, J. (2022). Saúde mental de pais durante a pandemia da COVID-19. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 71, p. 126-132.
- Silva, I. M. D., Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. D. S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando famílias*, 24(1), 12-28.
- Silva, M. C. V. D., Lopes, J. D. S., & Rocha, M. O. (2021). O Covis-19 e o Divórcio no Brasil: Considerações do Direito e da Psicologia. *Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais - UNIT - ALAGOAS*, 7(1), 13.
- Silva, R. D. D. G., & Martins, I. C. (2022). Atual bem-estar e coping no casamento heterossexual durante a pandemia de covid-19: uma revisão. *Revista Inclusiones*, 422-432.
- Souza, J. B. F., de Almeida, K. A. S. L., & Gomes, I. C. (2022). Os desafios da conjugalidade na pandemia de COVID-19. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 10(23), 95-114.
- Vasconcellos, M. J. E. (2006). Distinguindo Dimensões no Paradigma Emergente da Ciência Contemporânea. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*, (p. 101-146)

## Apêndices

### Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

**“Covid-19 e Relacionamentos: o impacto da pandemia na intimidade de casais brasileiros”**

**Instituição das pesquisadoras: UniCEUB**

**Pesquisador(a) responsável: Izabella Rodrigues Melo**

**Pesquisador(a) assistente: Yasmim Costa Ribas**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo específico deste estudo é investigar o impacto do convívio sob o mesmo teto na intimidade de casais brasileiros durante o período de isolamento da COVID-19.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ter convivido com o seu (sua) parceiro(a) durante o período de isolamento da COVID-19.

#### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em participar de uma entrevista com a pesquisadora, onde serão feitas perguntas relacionadas à relação do casal principalmente durante o período do isolamento da COVID-19.
- O procedimento é a realização de uma entrevista com os membros do casal juntos, a qual será gravada mediante a autorização dos participantes.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo além do que está exposto neste documento.
- A pesquisa será realizada no Centro de Atendimento Comunitário do CEUB (CENFOR).

#### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui riscos mínimos, com possibilidade de mobilização emocional durante a entrevista.
- Medidas preventivas serão tomadas durante a pesquisa para minimizar qualquer risco ou incômodo, como o cuidado ético com os participantes, a oferta de apoio psicológico e o esclarecimento de dúvidas a qualquer momento da realização deste projeto.

- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá refletir sobre o impacto da pandemia em sua relação e em sua vida de maneira geral e, assim, adquirir um maior conhecimento pessoal. Além disso, poderá contribuir para maior conhecimento científico sobre o impacto da pandemia das relações, possibilitando uma maior capacitação dos profissionais para lidarem com as demandas suscitadas por esse período.

#### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

#### **Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados (questionários, gravações e transcrições) ficarão guardados sob a responsabilidade de Izabella Rodrigues Melo e Yasmim Costa Ribas com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_,  
após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

---

Pesquisadora Responsável: Izabella Rodrigues Melo  
E-mail: izabella.melo@ceub.edu.br

---

Pesquisadora Assistente: Yasmim Costa Ribas  
E-mail: yasmim.ribas@sempreceub.com

**Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:**

Instituição: UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907

Bairro: Asa Norte

CEP: 70790-075

Cidade: Brasília - DF

Telefones p/contato:

**Endereço do(a) participante**

Domicílio (rua, praça, conjunto):

Bloco:

Nº:

Complemento:

Bairro:

Ponto de referência:

CEP:

Cidade:

Telefone:

## **Apêndice B - Pergunta Gerativa de Narrativa**

"De maneira livre, narrem a percepção de vocês sobre e como se desenvolveu a intimidade do casal durante o período de isolamento da pandemia. No seu relato, contem como ocorreram as conversas e o compartilhamento de emoções, questões e assuntos mais delicados, como perceberam o apoio do outro, como foram os momentos íntimos e qualquer outra informação sobre esse tópico que acharem importante e/ou quiserem compartilhar. Peço que não se preocupem com o tempo e se sintam livres para darem todos os detalhes que lembrarem."